



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Construção e evidências de validade da Escala de Impulsividade baseada no modelo UPPS-P

Lara Letícia Pinto Barbosa

Brasília

Janeiro de 2021



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Construção e evidências de validade da Escala de Impulsividade baseada no modelo UPPS-P

Lara Letícia Pinto Barbosa

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PPGPSTO/UnB) como requisito para obtenção ao título de mestre.

Orientadora: Cristiane Faiad de Moura

Brasília

Janeiro de 2021

Construção e evidências de validade da Escala de Impulsividade baseada no modelo UPPS-P

Dissertação apresentada e avaliada por banca examinadora constituída por:

Prof.^a Dra. Cristiane Faiad de Moura (Presidente)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Tiago Jessé Souza de Lima (Membro Titular Interno)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Universidade de Brasília

Prof.^a Dra. Daniela Sacramento Zanini (Membro Titular Externo)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Prof. Dr. Claudio Vaz Torres (Membro Suplente)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Universidade de Brasília

“A ostra, para fazer uma pérola, precisa ter dentro de si um grão de areia que a faça sofrer. Sofrendo, a ostra diz para si mesma: ‘Preciso envolver essa areia pontuda que me machuca com uma esfera lisa que lhe tire as pontas...’ Ostras felizes não fazem pérolas... Pessoas felizes não sentem a necessidade de criar. O ato criador, seja na ciência ou na arte, surge sempre de uma dor. Não é preciso que seja uma dor doída.... Por vezes a dor aparece como aquela coceira que tem o nome de curiosidade.”

Rubem Alves

Agradecimentos

A trajetória percorrida neste mestrado tornou-se possível e mais prazerosa, porque eu não caminhei sozinha. Em primeiro lugar, sou grata à Deus pela força dada para persistir no alcance dos meus objetivos.

Família, em especial meus pais, Abdias e Lourdes, meus irmãos, Charles e Gervásio, e minha cunhada, Fabíola, agradeço pelo suporte emocional, pelas demonstrações de carinho e por me fazerem sentir especial e amada. Charles, meu querido, você foi fundamental no meu enfrentamento com o desgaste emocional que este processo, por vezes, me causou. Mãe e pai, emociono-me apenas em lembrar da importância que vocês possuem em minha vida.

Jenannes, meu novo e antigo amor, como é prazeroso compartilhar a vida com você. Agradeço pela sua compreensão, pelo seu apoio e incentivo em me fazer persistir.

Cristiane Faiad, minha orientadora e incentivadora, ainda busco melhores palavras para te agradecer, mas já adianto que sou extremamente grata pelos ensinamentos (não só teóricos), pelas sugestões sempre respeitadas, pela disponibilidade e pela parceria criada. Obrigada por acreditar no meu trabalho e pela sensibilidade em identificar os principais momentos em que eu necessitava de um maior suporte.

Prof. Dr. Tiago Lima, Prof.^a Dra. Daniela Zanini e Prof. Dr. Claudio Torres, agradeço pelo aceite do convite e por comporem a banca examinadora. Estou certa de que a avaliação dos senhores será de suma importância para este trabalho.

Aos meus colegas de laboratório, obrigada pelo auxílio na análise dos dados, na revisão da escrita e nas demais ajudas. Destes destaco: Wladimir Rodrigues, Raissa Damasceno, Carlos Rodrigues, Guilherme Lima e Felipe Minotto. Aos colegas da vida, sou grata pelo suporte emocional e incentivo diário. Por isso, agradeço Carolina Bueno, Adriana Amorim, Isabela Caro, Luiza Ferrari, Thaís Gonçalves, Rosilene Rocha.

Resumo

A área de avaliação psicológica no contexto de processos seletivos passa por alguns desafios no Brasil. A depender do construto, como por exemplo a impulsividade, não só há escassez de instrumentos para este fim, como a disponibilização ilegal na internet dos itens do único teste psicológico existente para avaliá-la. Portanto, torna-se imprescindível investir na construção de um instrumento inédito de impulsividade para o contexto supracitado. Em conformidade com esta necessidade, o objetivo dessa dissertação é construir e obter evidências de validade de uma medida de impulsividade, baseando-se no modelo UPPS-P (Cyders et al., 2007; Whiteside & Lynam, 2001). Para o alcance deste objetivo, essa dissertação estruturou-se em quatro estudos. O primeiro centrou-se na busca de estudos sobre as medidas de impulsividade nos últimos dez anos. Os achados indicaram que os instrumentos UPPS-P e BIS-11 são os mais adaptados ultimamente. O segundo estudo objetivou avaliar as correlações existentes entre o modelo UPPS-P (*Urgency, Premeditation, Perseverance, Sensation Seeking e Positive Urgency*) e o modelo de personalidade dos Cinco Grandes Fatores nos artigos publicados entre 2001 e 2020. Observou-se que a maioria das correlações esperadas, conforme o estudo de origem do modelo UPPS-P, ainda se reproduz. O terceiro e o quarto estudos voltaram-se, respectivamente, para a construção e obtenção de evidências de validade da Escala de Impulsividade (EImp), evidenciando-se no terceiro estudo o método da neutralização dos itens. A estrutura fatorial alcançada diferiu-se da do modelo original, apesar de apresentar suporte empírico prévio. Identificou-se, ainda, as correlações esperadas entre os fatores do modelo original e os do modelo de personalidade dos CGF. Assim, a EImp apresentou índices psicométricos adequados, mostrando-se como uma medida brasileira promissora na avaliação da impulsividade.

Palavras-chave: Impulsividade, UPPS-P, processos seletivos, avaliação psicológica, Escala de Impulsividade (EImp).

Abstract

The area of psychological assessment in the context of selection processes goes through some challenges in Brazil. Depending on the construct, such as impulsivity, there is not only a shortage of instruments for this purpose, but the illegal availability of items from the only existing psychological test on the internet to assess it. Therefore, it is essential to invest in the construction of an unprecedented instrument of impulsiveness for the aforementioned context. In line with this need, the objective of this dissertation is to build and obtain evidence of the validity of an impulsivity measure, based on the UPPS-P model (Cyders et al., 2007; Whiteside & Lynam, 2001). To achieve this objective, this dissertation was structured in four studies. The first focused on the search for studies on impulsivity measures in the last ten years. The findings indicated that the UPPS-P and BIS-11 instruments are the most adapted lately. The second study aimed to assess the correlations between the UPPS-P model (Urgency, Premeditation, Perseverance, Sensation Seeking and Positive Urgency) and the personality model of the Big Five Factors in articles published between 2001 and 2020. It was observed that most of the expected correlations, according to the study of origin of the UPPS-P model, is still reproducing. The third and fourth studies, respectively, focused on building and obtaining evidence of validity of the Escala de Impulsividade (EImp), evidencing in the third study the item neutralization method. The factorial structure achieved differed from that of the original model, despite having previous empirical support. The expected correlations between the factors of the original model and those of the CGF personality model were also identified. Thus, the EImp presented adequate psychometric indices, showing itself as a promising Brazilian measure in the evaluation of impulsivity.

Keywords: Impulsivity, UPPS-P, selection processes, psychological assessment, Escala de Impulsividade (EImp).

Sumário

Resumo -----	vi
Abstract -----	vii
Apresentação -----	1
Manuscrito 1 -----	6
Manuscrito 2 -----	40
Manuscrito 3 -----	67
Manuscrito 4 -----	90
Considerações Finais -----	117
Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os juízes -----	118
Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes -----	119

Apresentação

A avaliação psicológica realizada no contexto de seleção, principalmente em concursos públicos, traz consigo alguns desafios que podem influenciar negativamente no poder preditivo desta avaliação. Alguns destes desafios referem-se à exposição ilegal da maioria dos testes psicológicos na internet, favorecendo, assim, um treino prévio dos candidatos. Somado a isto, ressalta-se ainda, a baixa quantidade de instrumentos, em especial, para alguns construtos específicos, com o parecer favorável pelo SATEPSI, como é o caso da impulsividade. Atualmente, conta-se com apenas um instrumento disponível e favorável pelo SATEPSI (em consulta realizada em dezembro de 2020), com o objetivo exclusivo de avaliar a impulsividade. Abordar-se-á no presente estudo, portanto, aspectos teóricos deste construto e o processo de construção de uma medida para a sua avaliação.

A impulsividade é uma característica normalmente associada aos comportamentos irrefletidos e não planejados, além de uma dificuldade de manter a atenção, bem como, aos comportamentos que envolvam maiores riscos (Berg et al., 2015). O indivíduo impulsivo possui uma tendência a não considerar as possíveis consequências negativas que o seu ato pode desencadear para si mesmo e para outros (Moeller et al., 2001). Apesar dos diferentes conceitos associados a esse construto estarem normalmente relacionados aos aspectos negativos, ainda não há um consenso quanto à sua definição. Haja vista a existência de diferentes modelos teóricos e, com eles, diversas medidas construídas (Berg et al., 2015; Garcia, 2018; Sediyaama, 2014; Sharma et al., 2014).

A discussão a respeito da impulsividade tem sua origem nos estudos das teorias de personalidade, nas quais, por vezes, foi considerada como um fator subjacente às dimensões específicas da personalidade. Eysenck, por exemplo, inicialmente considerou a impulsividade como um fator exclusivo da “extroversão” (Eysenck, 1967, citado por Miller, 2003). Em seguida, atribuiu uma interpretação diferente ao construto, dividindo-o em quatro

componentes: “impulsividade restrita”, “tomada de risco”, “falta de planejamento” e “vivacidade”, sendo a maioria destes fatores, ainda associada à “extroversão” (Eysenck & Eysenck, 1975, citado por Miller, 2003). Por fim, a impulsividade foi dividida em apenas dois componentes: “impulsividade” e “busca por aventuras” (*venturesomeness*). Respectivamente, o primeiro apresentou relação com as três dimensões da personalidade (“psicoticismo”, “neuroticismo” e “extroversão”), enquanto o segundo fator, relacionou-se apenas com “extroversão” (Eysenck, 1993).

Buss e Plomin (1975), ao contrário de Eysenck, consideraram a “impulsividade” como uma das quatro dimensões principais da personalidade, sendo as outras três, a “emocionalidade”, a “atividade” e a “sociabilidade”. Os autores definiram a impulsividade, em específico, como um construto bidimensional, em que o indivíduo: 1) age resistindo ou cedendo aos impulsos, ou ainda; 2) reage imediatamente ou se planeja antes de agir frente a um estímulo.

Outro autor que contribuiu para as teorias da personalidade, foi Tellegen (1982), estruturando-a nas dimensões: “emocionalidade positiva”, “emocionalidade negativa” e “restrição” (avalia o nível de cautela ou propensão para o comportamento de risco); esta última, composta por três componentes, sendo um deles, a própria impulsividade.

McCrae e Costa (1990), autores de uma das mais conhecidas teorias da personalidade, o *Big Five*, definiram-na por meio de cinco fatores e, para cada um desses fatores, seis componentes. Nesta proposta, a impulsividade está relacionada ao fator “conscienciosidade”, pelas facetas de “autodisciplina” e “deliberação”; ao fator “extroversão” na faceta “excitação”; e ao fator “neuroticismo”, na faceta de “impulsividade” (Whiteside & Lynam, 2001).

As teorias, ora apresentadas, foram importantes para se evidenciar o construto “impulsividade” como uma variável multidimensional (Berg et al., 2015; Sharma et al., 2014;

Um et al., 2018). Concomitante a essas propostas, teorias gerais, específicas da impulsividade surgiram e serão apresentadas neste estudo, com especial atenção ao modelo UPPS-P.

Essa dissertação está alinhada com as discussões a respeito das diferentes concepções teóricas da impulsividade, das propostas de mensuração identificadas na literatura, bem como com os desafios de medidas atualmente utilizadas no Brasil. Com isso, o objetivo geral se destina à construção e à busca de evidências de validade de um instrumento de impulsividade, voltado para o contexto de seleção, baseado no modelo UPPS-P (Cyders et al., 2007; Whiteside & Lynam, 2001). De forma a garantir este objetivo, pontuam-se os objetivos específicos deste estudo: a) identificar os modelos teóricos gerais mais específicos da impulsividade; b) identificar as medidas mais proeminentes do construto da impulsividade; c) analisar a relação existente entre os fatores do modelo de impulsividade da UPPS-P e os CGF de personalidade; d) avaliar o viés da desejabilidade social de uma nova proposta de medida de impulsividade; e e) buscar evidências de validade iniciais para a medida construída.

Posto isto, esta dissertação está estruturada em quatro manuscritos independentes, sendo o primeiro, voltado para uma análise das medidas existentes no que se refere à impulsividade, assim como para o estudo das variáveis mais recorrentemente associadas ao construto nos últimos dez anos. O segundo manuscrito, por sua vez, tratou de uma revisão sistemática dos estudos que abordassem a correlação existente entre os fatores do modelo UPPS-P e os CGF de personalidade. O terceiro manuscrito voltou-se para o processo de construção do instrumento de impulsividade baseado no modelo UPPS-P, evidenciando o método da neutralização dos itens, no processo de construção da medida. O quarto e último manuscrito ateu-se aos estudos iniciais de evidência de validade da medida construída.

Referências

- Berg, J. M., Latzman, R. D., Bliwise, N. G., & Lilienfeld, S. O. (2015). Parsing the heterogeneity of impulsivity: A meta-analytic review of the behavioral implications of the UPPS for psychopathology. *Psychological assessment, 27*(4), 1129.
- Buss, H. A., & Plomin, R. (1975). *A Temperament Theory of Personality Development*. New York: John Wiley & Sons.
- Cyders, M. A., Smith, G. T., Spillane, N. S., Fischer, S., Annus, A. M., & Peterson, C. (2007). Integration of impulsivity and positive mood to predict risky behavior: development and validation of a measure of positive urgency. *Psychological assessment, 19*(1), 107.
- Eysenck, S. B. G. (1993). The I7: Development of a measure of impulsivity and it's relationship to the superfactors of personality. In W. G. McCown, J. L. Johnson & M. B. Shure (Orgs.), *The Impulsive Client: Theory, Research and Treatment*. (pp. 141-149) American Psychological Association, Washington, DC.
- Garcia, M. S. (2018). *Adaptação da escala UPPS-P e sua aplicabilidade na população brasileira*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Miller, E. (2003). *The measurement of impulsivity* (Doctoral dissertation, University of Warwick).
- Moeller, F. G., Barratt, E. S., Dougherty, D. M., Schmitz, J. M., & Swann, A. C. (2001). Psychiatric aspects of impulsivity. *American journal of psychiatry, 158*(11), 1783-1793.
- Sediyama, C.Y.N. (2014). *Investigação das características psicométricas da UPPS – escala de comportamento impulsivo - para uma população brasileira*. Dissertação de

mestrado em Medicina Molecular, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Sharma, L., Markon, K. E., & Clark, L. A. (2014). Toward a theory of distinct types of “impulsive” behaviors: A meta-analysis of self-report and behavioral measures. *Psychological bulletin*, *140*(2), 374.

Tellegen, A. (1982). *Multidimensional Personality Questionnaire*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.

Um, M., Hershberger, A. R., Whitt, Z. T., & Cyders, M. A. (2018). Recommendations for applying a multi-dimensional model of impulsive personality to diagnosis and treatment. *Borderline personality disorder and emotion dysregulation*, *5*(1), 6.

Whiteside, S. P., & Lynam, D. R. (2001). The five factor model and impulsivity: Using a structural model of personality to understand impulsivity. *Personality and individual differences*, *30*(4), 669-689.

Manuscrito 1

Estudos das medidas de impulsividade dos últimos dez anos: uma Revisão Sistemática

Studies of impulsivity measures in the last ten years: a systematic review

Resumo

Um ponto comum na discussão a respeito da impulsividade refere-se ao seu papel central em diversos comportamentos de risco e, mais especificamente, em diferentes transtornos mentais. Entretanto, os estudos deste construto enfrentam algumas divergências quanto às suas concepções teóricas e, conseqüentemente, quanto às medidas existentes. Dito isso, este trabalho objetivou realizar um levantamento dos estudos das medidas de impulsividade nos últimos dez anos (2010 a 2020), focando nos estudos que faziam referência à construção, adaptação ou evidências de validade. A busca foi realizada nas bases de dados PubMed, Google Acadêmico, Scopus e CrossRef. Inicialmente, foram identificados 2647 artigos, dos quais 72 foram levados em conta para a análise e discussão dos achados. Os resultados indicaram que o Brasil e os Estados Unidos da América foram os países de origem mais frequente entre os estudos. Além disso, observou-se também que a BIS-11 e a UPPS-P foram os instrumentos mais adaptados ou estudados quanto às suas evidências de validade. Por fim, quanto aos construtos normalmente associados à impulsividade nos estudos avaliados, identificou-se que o uso de substâncias foi o mais citado. Este estudo aponta para a necessidade de uma avaliação prévia do pesquisador que deseja avaliar a impulsividade em um contexto específico. Essa avaliação deve envolver a análise do modelo mais utilizado e adaptado no contexto pretendido.

Palavras-chave: revisão sistemática; medidas de impulsividade; adaptação; construção; evidências de validade

Abstract

A common point in the discussion regarding impulsivity refers to its central role in different risk behaviors and, more specifically, in different mental disorders. However, the studies of this construct face some divergences regarding their theoretical conceptions and, consequently, regarding existing measures. That said, this study aimed to conduct a survey of the studies of impulsivity measures in the last ten years (2010 to 2020), focusing on studies that referred to construction, adaptation or evidence of validity. The search was carried out in the PubMed, Google Scholar, Scopus and CrossRef databases. Initially, 2647 articles were identified, of which 72 were taken into account for the analysis and discussion of the findings. The results indicated that Brazil and the United States of America were the most frequent countries of origin among the studies. In addition, it was also observed that BIS-11 and UPPS-P were the most adapted or studied instruments regarding their evidence of validity. Finally, regarding the constructs normally associated with impulsivity in the studies evaluated, it was found that the use of substances was the most cited. This study points to the need for a prior assessment of the researcher who wants to assess impulsivity in a specific context. This assessment must involve the analysis of the most used and adapted model in the intended context.

Keywords: systematic review; impulsivity measures; adaptation; construction; evidence of validity

O estudo da impulsividade tem conquistado espaço de discussão teórica pelo seu papel central na sintomatologia de diversos Transtornos Mentais e/ou, de forma ampla, nos comportamentos de risco. Este construto é comumente associado a consequências negativas advindas de uma tendência a agir com menos cautela e de forma irrefletida, além de também ser visto como déficits em habilidades de planejamento e em manter a atenção em atividades específicas (Berg et al., 2015; Garcia, 2018; Goh et al., 2019; Moeller et al., 2001). Contudo, um dos desafios identificados na literatura, tem sido quanto às suas diferentes concepções teóricas, o que, conseqüentemente, resulta em diversas propostas de medidas para avaliá-las (Berg et al., 2015; Sharma et al., 2014). A título de exemplo, a impulsividade, por vezes, é abordada como parte de um modelo teórico de personalidade (Buss & Plomin, 1975; Eysenck, 1967; McCrae & Costa, 1990; Tellegen, 1982), enquanto, por outros autores, estrutura-se de forma separada ou independente a este modelo (Barratt, 1993; Cyders et al., 2007; Dickman, 1990; Whiteside & Lynam, 2001).

Os estudos da impulsividade se originam, principalmente, na própria concepção de personalidade, enquadrando, ora como uma das dimensões chave da teoria, ora como fator(es) constituinte(s) dessas dimensões. Eysenck (1993), por exemplo, em seu modelo da personalidade, identificou uma relação existente entre os dois fatores da impulsividade (“impulsividade” e “busca por aventuras”) com as dimensões da personalidade (“psicoticismo”, “extroversão” e “neuroticismo”). Já Buss e Plomin (1975), de forma mais ampla, avaliaram a impulsividade como sendo uma das quatro dimensões principais da personalidade (“impulsividade”, “emocionalidade”, “atividade” e “sociabilidade”).

Como citado, identifica-se também, na literatura, modelos teóricos de impulsividade que se afastam do modelo geral de personalidade, trazendo um enfoque maior para o próprio construto da impulsividade, como é o caso de Dickman (1990). Este autor, diferente do discutido pela maioria dos modelos teóricos, evidencia também o aspecto positivo do

construto, sendo esta sua grande contribuição para um novo olhar do conceito da impulsividade. Dickman (1990) abordou dois tipos de impulsividade: um funcional e outro disfuncional. A “impulsividade funcional” trata-se da capacidade em agir e tomar decisões em um contexto que necessita agilidade, tais como, em jogos esportivos. Ao contrário da “impulsividade disfuncional”, a qual se refere à tomada de decisões rápidas e irrefletidas, devido a uma dificuldade do indivíduo em se planejar e tentar prever possíveis consequências de tais atitudes. Tal modelo também resultou em um instrumento nomeado Inventário Dickman de Impulsividade (DII), o qual é composto pelos dois fatores supracitados.

Outra concepção de impulsividade foi apresentada por Carver e White (1994), os quais desenvolveram o chamado *Behavioural Inhibition / Activation Scales (BIS/BAS)*, baseando-se na teoria neuropsicológica de Gray (1972; 1981, citado por Miller, 2003). Gray defendeu a existência de dois sistemas neurológicos que representam as diferenças individuais na resposta, perante estímulos ambientais: Sistema de Inibição Comportamental (BIS), o qual está mais relacionado à ansiedade; e o Sistema de Ativação Comportamental (BAS), sendo este último, o que de fato faz referência à impulsividade (Carver & White, 1994).

Ernest Barratt também trouxe uma concepção sobre a impulsividade, ao analisá-la nos âmbitos comportamental e biológico. O autor definiu uma pessoa impulsiva, como aquela que age de forma irrefletida no calor do momento, que fica inquieto quando é demandado estar quieto, que gosta de correr riscos e que apresenta dificuldade em se concentrar (Barratt, 1993). Uma de suas contribuições para a medida do construto, a *Barratt Impulsivity Scale (BIS)*, trata-se de um questionário de autorrelato estruturado em três fatores: “atenção”, “impulsividade motora” e “não-planejamento”.

Por fim, um dos últimos modelos de impulsividade proposto, e que vem conquistando espaço nas discussões a respeito do construto é o modelo de quatro fatores UPPS (*Urgency, Premeditation, Perseverance, Sensation Seeking e Positive Urgency* - Whiteside & Lynam, 2001). Este modelo foi desenvolvido utilizando-se das medidas de impulsividade existentes à época, chegando-se a uma estrutura fatorial de 4 fatores: “urgência”, “(falta de) perseverança”, “(falta de) premeditação” e “busca por sensações”. Uma atualização desse modelo foi realizada posteriormente por Cyders et al. (2007), incluindo o fator “urgência positiva” e renomeando o antigo fator “urgência” para “urgência negativa”.

A “urgência negativa” é definida como comportamentos impulsivos na tentativa de aliviar alguma tristeza momentânea (ou emoções negativas). A “urgência positiva”, por sua vez, é definida de forma similar à “urgência negativa”, entretanto, referindo-se ao humor positivo. A “falta de premeditação” é definida como uma dificuldade em pensar nas consequências decorrentes de suas atitudes antes de tomar a decisão, ou antes de agir. Já a “falta de perseverança” é uma dificuldade em manter o foco e apresentar constância em uma atividade que pareça difícil ou entediante; ou ainda em persistir em algo, mesmo não havendo distratores que dificultem a sua execução. Por fim, a “busca por sensações” é definida como uma abertura a buscar novas experiências que podem ou não ser caracterizadas como arriscadas e perigosas (Cyders et al., 2007; Whiteside & Lynam, 2001).

Apesar de a impulsividade possuir também o seu papel funcional, como defendido por Dickman (1990), os traços deste construto estão presentes na sintomatologia de muitos transtornos mentais, principalmente nos transtornos de personalidade (Bøen et al., 2015; Few et al., 2015; Hahn et al., 2016; Preti et al., 2016; Soler et al., 2016). Além disso, a impulsividade também se faz presente nos critérios diagnósticos do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (Egan et al., 2017), Transtorno do Jogo (Lutri et al., 2018), nos Transtornos Alimentares (Goodwin et al., 2016), nos Transtornos relacionados a uso de

substâncias (Tran et al., 2018), entre outros construtos (Berg et al., 2015; Pai et al., 2018; Whiteside & Lynam, 2001).

De forma complementar aos modelos de impulsividade discutidos até o momento, os neuropsicólogos atribuem, ainda, outras definições para o construto. Eles consideram que um dos aspectos da impulsividade é definido como a incapacidade de uma pessoa em inibir uma resposta já predominante e apresentar uma resposta condizente com o que a atividade demanda (Newman et al., 1985). Além disso, a impulsividade também é vista como uma preferência por uma gratificação menor a curto prazo, ao invés de uma maior a longo prazo, refletindo uma incapacidade em adiar essa gratificação (Richards et al., 1999). Outro aspecto do construto avaliado pelos neuropsicólogos é a dificuldade em manter a atenção em uma atividade, tendo em vista os distratores existentes no ambiente (Kane & Engle, 2000).

Há, também, uma diferença na proposta das medidas utilizadas no contexto da neuropsicologia, em detrimento de medidas de autorrelato (Cyders & Coskunpinar, 2011). A avaliação está centrada nesses aspectos cognitivos da impulsividade e é realizada por meio de tarefas (*tasks*), como, por exemplo, nos instrumentos *Go/No Go Task* (Newman et al., 1985), o Teste de Correspondência de Figuras Familiares (MFFT; Rosenbaum & Baker, 1984), *Delayed and Immediate Memory Task* (Richards e cols., 1999), entre outros (Sharma et al., 2014).

Entretanto, apesar da vasta literatura destinada ao estudo da impulsividade no âmbito cognitivo e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de tarefas que avaliem de forma comportamental esse construto, há algumas críticas sobre esta proposta. De acordo com a metanálise realizada por Sharma et al., (2014), estudos anteriores mostram que há uma correlação muito fraca entre esses dois tipos de medida (questionários de autorrelato e tarefas comportamentais), o que se faz questionar quanto ao que realmente cada tipo está medindo.

Alguns teóricos tentam argumentar que, tanto as tarefas quanto as medidas de autorrelato, estejam explorando aspectos diferentes da impulsividade, o que acaba não respondendo ao problema em si.

Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática, dos últimos dez anos, de estudos que abordassem a construção, adaptação e/ou obtenção de evidências de validade de questionários de autorrelato da impulsividade. Ressalta-se que, considerando a problemática já citada, optou-se por não considerar as tarefas comportamentais nesta revisão, tendo em vista a divergência do aspecto da impulsividade que cada tipo de medida avalia.

Método

A revisão foi baseada no modelo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), um protocolo que aplica um fluxo de quatro etapas (Identificação, Seleção, Elegibilidade e Inclusão). Também foi utilizado um *checklist* que consiste em 27 itens considerados essenciais para uma comunicação adequada e transparente dos dados de uma revisão sistemática (Galvão et al., 2015). Na fase de identificação, foram utilizadas as seguintes bases de dados: *PubMED*, Google Acadêmico, *Scopus* e *CrossRef*, sendo que, as três últimas foram acessadas utilizando o *software Harzing's Publish or Perish, version 7.21*.

Objetivando revisar a produção científica dos últimos dez anos, quanto ao objetivo proposto, foi feita uma busca do período entre 2010 e 2020 utilizando os descritores "*psychometric properties*" OR "*reliability*" OR "*valid**" OR "*adaptation*" AND "scale" OR "inventory" OR "*self-report*" AND "*impulsivity*", para as bases Google Acadêmico e Scopus. Para as bases PubMED e Scopus, foram utilizados menos descritores: "*psychometric properties*" OR "*reliability*" OR "*valid**" OR "*adaptation*" AND "*impulsivity*". Os descritores

em português "propriedades psicométricas" OR "confiabilidade" OR "valid*" OR "adaptação" AND "escala" OR "inventário" OR "autorrelato" OR "autorrelato" AND "impulsividade" foram empregados também na plataforma Google Acadêmico.

Após uma primeira busca, foram removidos os estudos duplicados entre as bases de dados e foram analisados os títulos e resumos dos artigos restantes. Os critérios de seleção para esta análise foram: estudos publicados em português, inglês e espanhol; estudos que tratassem de instrumentos de autorrelato de avaliação da impulsividade; estudos que fossem de construção, adaptação, ou de busca de evidência de validade desses instrumentos.

Os artigos que foram selecionados, posterior a esta análise inicial, foram avaliados de forma mais minuciosa. Em seguida, outros artigos foram excluídos por não terem atendido aos critérios anteriores de seleção; exclusão esta, que não havia sido possível, apenas com a leitura do título e resumos. Além disso, foram excluídos também, estudos que abordassem instrumentos que não avaliassem especificamente a impulsividade. Esta última decisão foi tomada para que o objetivo não se afastasse do construto em questão e, ainda, para que as discussões não fossem enviesadas por fatores relacionados a outros construtos.

Resultados e Discussão

Seleção dos estudos

Observa-se, de acordo com a Figura 1, que, ao todo, foram identificados 2647 artigos nas bases pesquisadas. Destes, 78 foram removidos por serem duplicados. Em uma análise de títulos e resumos, foram retirados 2.478 por não atenderem aos critérios de seleção. Em seguida, após uma análise pormenorizada dos 91 artigos restantes, 19 foram removidos por também não terem atendido aos critérios anteriores. Ao final, chegou-se a uma quantidade de 72 artigos para análise e discussão deste estudo.

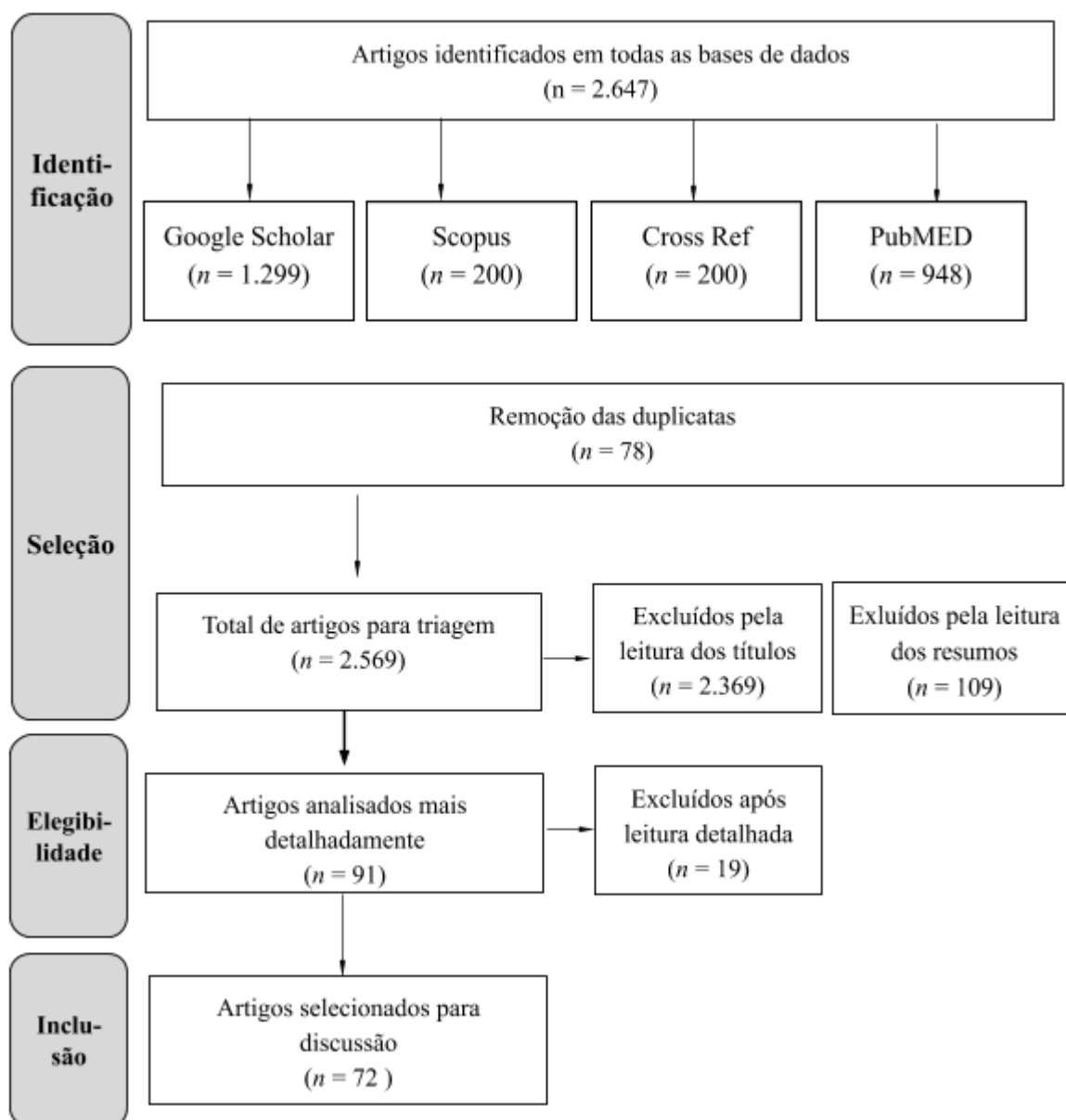


Figura 1. Fluxo de seleção dos artigos encontrados

Características bibliográficas dos estudos

As características bibliográficas dos artigos analisados evidenciam alguns fatores importantes de se discutir. O primeiro deles refere-se aos seus países de origem. Nota-se que, a maioria (15 estudos) é originária do Brasil (Ávila-Batista & Rueda, 2011; Garcia, 2018; Gomes, 2016; Gomes et al., 2017; Jesúno & Rueda, 2017; Malloy-Diniz et al., 2010;

Malloy-Diniz et al., 2015; Paula et al., 2020; Pompeia et al., 2018; Portilho-Souza & Silva, 2013; Sediyaama, 2014; Sediyaama et al., 2017; Vasconcelos, 2012; Vasconcelos et al., 2015; Vieira, 2014). Em seguida, os Estados Unidos da América, com 14 estudos, ocupam o segundo lugar (Charles et al., 2019; Coccaro & Schmidt-Kaplan, 2012; Coutlee et al., 2014; Cyders, 2011; Cyders et al., 2014; Fields et al., 2015; Halvorson et al., 2020; Morean et al., 2014; Reid et al., 2014; Reise et al., 2013; Steinberg et al., 2013; Stevens et al., 2020; Tomko et al., 2014; Watts et al., 2020). A Espanha também obteve um lugar de destaque, com oito estudos originados nesse país (Alcázar-Córcoles et al., 2015; Cândido et al., 2012; Chahin et al., 2010; Iribarren et al., 2011; Martínez-Loredo et al., 2015; Orozco-Cabal et al., 2010; Pilatti et al., 2015; Verdejo-García et al., 2010).

A expressiva publicação destes países revela o interesse deles pela avaliação da impulsividade, preocupando-se, principalmente, em investigar a relação existente entre as variáveis externas correlatas e as medidas adaptadas (ou em adaptação). Dentre estas variáveis, recebem maior destaque, a avaliação de traços da impulsividade quanto ao uso de substâncias (Charles et al., 2019; Coutlee et al., 2014; Cyders, 2011; Cyders et al., 2014; Halvorson et al., 2020; Martínez-Loredo et al., 2015; Morean et al., 2014; Reid et al., 2014; Stevens et al., 2020; Vasconcelos et al., 2015).

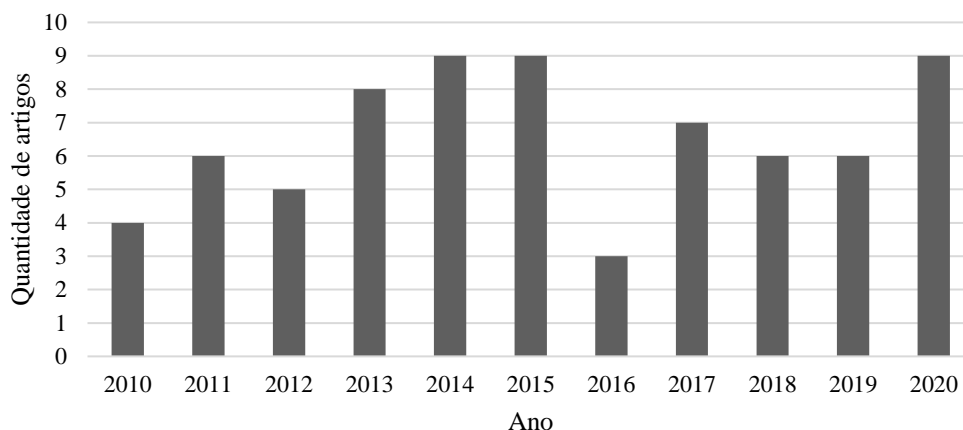


Figura 2. Publicação por ano dos artigos analisados

Quanto à quantidade de publicações no período pesquisado (de 2010 a 2020), identificou-se, conforme a Figura 2, que os anos de 2014, 2015 e 2020 foram os de maior produção científica (nove estudos em cada ano). E no que se refere à incidência de publicação por periódico, observou-se que, a *Psychological Assessment* obteve maior quantidade de submissão (sete estudos), seguida da *Frontiers in psychology* (quatro estudos).

Instrumentos envolvidos, tipos de estudo e construtos relacionados

Os resultados da análise dos artigos, conforme a Tabela 1, evidenciaram dois instrumentos mais adaptados ou utilizados na busca de evidências de validade, para um contexto e/ou população específica. São eles: *Barratt Impulsiveness Scale – BIS-11* (31 estudos – 43%) e a *UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale* (23 estudos – 31,9%). Lembrando que, para a compilação dos dados, foi utilizada apenas a nomenclatura do instrumento original, não entrando em detalhes das versões envolvidas (ex.: ao invés de versão curta da UPPS-P, foi relatado apenas *UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale*).

Atribui-se a maior utilização da BIS-11 ao fato de ser um instrumento que há quase 60 anos vem sendo adaptado para diferentes culturas, o que reflete a sua validade transcultural. Além disso, trata-se de uma medida bastante utilizada em adolescentes e adultos (populações

clínicas e não clínicas) e que vem mostrando ser um instrumento eficiente no psicodiagnóstico de diversos transtornos mentais, tais como o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, o Transtorno Afetivo Bipolar, a Esquizofrenia, o Transtorno por Uso de Substâncias, o Transtorno do Jogo, entre outros (Fields et al., 2015; Juneja et al., 2019; Malloy-Diniz et al., 2010).

Por sua vez, a UPPS também vem sendo um instrumento bastante citado. Isso se deve, provavelmente, por ser um dos modelos mais recentes da impulsividade, o que justifica o crescente interesse em adaptá-la. Esta medida também vem apresentando evidências robustas para a sua validade transcultural, endossado pelos diversos estudos de adaptação da medida (como por exemplo, Lozano et al., 2018). Ademais, os estudos que fazem uso desta medida, também corroboram com os achados sobre a sua relação com diversos transtornos mentais e comportamentos problemáticos, a saber: problemas de jogo, abuso de álcool, comportamentos sexuais de risco, procrastinação, transtornos alimentares, entre outros (Billieux et al., 2012; Garcia, 2018; Verdejo-García et al., 2010; Watts et al., 2020).

A análise da Tabela 1 revela que os estudos que buscaram obter evidências de validade de uma medida foram os mais realizados nos últimos dez anos. Dos 72 estudos analisados, 37 (51,3%) voltaram-se para este fim específico. Destes, a grande maioria apresentou como um de seus objetivos, a análise de variáveis externas correlatas. Para além da adaptação da medida, os estudos apresentaram a relação entre traços de impulsividade e os seguintes transtornos e/ou comportamentos desadaptativos: agressividade, uso de substâncias, transtornos da personalidade, transtornos do humor, entre outros.

Evidencia-se ainda, em comparação com os demais artigos, a pequena quantidade de estudos voltados para a construção de medidas (7 artigos). Este fato pode estar associado à necessidade da construção de instrumentos inéditos, ao invés de adaptações, para contextos

específicos. À título de exemplo, Whitney et al. (2013) desenvolveram uma medida para avaliar a impulsividade como uma das causas de quedas de pessoas idosas com deficiência cognitiva. Da mesma forma que Weizmann-Henelius et al. (2019) se viram motivados a construir um novo instrumento para avaliar este construto quanto à sua relação na reincidência de atos violentos.

Ademais, os estudos de adaptação com obtenção de evidências de validade representaram 38,8% dos artigos analisados. Destes, um pouco mais da metade (53,5%) não se ateu a avaliar as variáveis externas correlatas, voltando-se muitas vezes à análise de consistência interna, à validade de conteúdo e à validade convergente com o instrumento original.

Por fim, referente aos construtos que normalmente estiveram associados à impulsividade nos estudos analisados, o uso de substâncias apresentou-se como o construto correlato mais abordado. Os resultados corroboraram com a literatura existente, trazendo evidências para relação da impulsividade com: o uso e o consumo excessivo de álcool (Coutlee et al., 2014; Kapitány-Fövény et al., 2020; Martínez-Loredo et al., 2015), com a dependência de opioide (Huang et al., 2013); uso de cannabis, cocaína e heroína (Pechorro et al., 2015), abuso de metanfetamina (Reid et al., 2014), entre outros.

Os transtornos de personalidade, por sua vez, aparecem, em alguns momentos, no formato geral, como características da amostra clínica utilizada. Portanto, na maioria dos estudos, não há um foco específico de alguns desses transtornos, utilizando-se amostras com diferentes diagnósticos de transtornos de personalidade (Dugré et al., 2019; Fields et al., 2015; Iribarren et al., 2011; Meule et al., 2019; Orozco-Cabal et al., 2010). Quanto à agressividade, por vezes, ela esteve relacionada a amostras que haviam apresentado comportamento criminal (Adjorlolo et al., 2017; Bousardt et al., 2018; Steinberg et al., 2013),

na qual, a impulsividade fazia parte como um dos traços evidenciados nestas amostras. Por fim, observou-se que, quando os artigos incluíam transtornos de humor associados à impulsividade, em geral, citavam a depressão (Claréus et al., 2017; Halvorson et al., 2020; Lim e Kim, 2018; Zhang et al., 2020) e o Transtorno Bipolar (Kahn et al., 2019; López et al., 2012; Sedyama, 2014).

Tabela 1

Classificação dos estudos de acordo com o seu tipo, com o instrumento principal utilizado e com os construtos relacionados

Citação do estudo	Instrumento (nomenclatura original)	Tipo de estudo	Construtos relacionados
Adjorlolo et al. (2017)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Agressividade e traços de psicopatia
Alcázar-Córcoles et al. (2015)	<i>Plutchik's Impulsivity Scale</i>	Evidências de validade	Comportamento criminal
Ávila-Batista e Rueda (2011)	<i>Escala de Avaliação da Impulsividade (EsAvI)</i>	Construção e evidências de validade	--
Bayard et al (2016)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Evidências de validade	Doença de Parkinson
Bhat et al. (2018)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Uso de substâncias e comportamentos sexuais de risco.
Billieux et al. (2012)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Bousardt et al. (2018)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Evidências de validade	Agressividade
Bteich et al. (2017)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Uso excessivo e problemático da Internet
Cándido et al. (2012)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Casini et al. (2020)	<i>Three-factor model of impulsivity</i>	Evidências de validade	Comportamentos de risco
Chahin et al. (2010)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Charles et al. (2019)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Uso de substâncias, agressividade e autolesão
Che et al. (2020)	<i>BIS/BAS Scales</i>	Evidências de validade	Uso de substâncias
Claréus et al. (2017)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Depressão, ansiedade e uso de substâncias
Coccaro e Schmidt-Kaplan (2012)	<i>LHIB-Q53 e LHIB-Q20</i>	Construção e evidências de validade	Transtornos mentais do eixo I e II
Coutlee et al. (2014)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Uso de álcool
Cyders (2011)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Evidências de validade	Uso de álcool e comportamentos de risco
Cyders et al. (2014)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Evidências de validade	Uso de substâncias, transtorno alimentar, automutilação, comportamento sexual e comportamento relacionado a jogo.
D'Orta et al. (2015)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Uso de nicotina, uso compulsivo de internet e depressão.
Paula et al. (2020)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Desatenção e hiperatividade.
Dugré et al. (2019)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Evidências de validade	Uso de substâncias e transtornos: psicóticos, do humor, ansiosos e da personalidade.
Fernandes (2014)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	--

Fields et al. (2015)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Agressividade, raiva e transtornos da personalidade
Gao et al. (2011)	<i>Dickman's Impulsivity Inventory</i>	Evidências de validade	Suicídio
Garcia (2018)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Geurten et al. (2018)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade
Gomes (2016)	<i>Dickman's Impulsivity Inventory</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Gomes et al. (2017)	<i>Dickman's Impulsivity Inventory</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Halvorson et al. (2020)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Evidências de validade	Uso de álcool, depressão, ansiedade, Transtorno desafiador de oposição e Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade.
Hartmann et al. (2011)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e transtorno alimentar.
Huang et al. (2013)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Uso de substâncias e comportamento criminal.
Iribarren et al. (2011)	<i>State Impulsivity Scale (SIS)</i>	Construção e evidências de validade	Diferentes transtornos mentais (amostra clínica).
Jesuino e Rueda (2017)	Escala de Avaliação da Impulsividade (EsAvI)	Evidências de validade	Atenção e comportamento no trânsito.
Juneja et al. (2019)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Kahn et al. (2019)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Transtorno bipolar
Kapitány-Fövény et al. (2020)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Agressividade, uso de substâncias, sintomas obsessivo-compulsivos, entre outros.
Leandro (2015)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Lim e Kim (2018)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Evidências de validade	Depressão, ansiedade, compulsão alimentar, uso excessivo de álcool e de jogo.
Lindstrøm et al. (2016)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Doença de Parkinson e cefaleia crônica.
López et al. (2012)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Transtorno bipolar e transtorno de déficit de atenção.
Lu et al. (2013)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Desesperança e ansiedade.
Malloy-Diniz et al. (2010)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Malloy-Diniz et al. (2015)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Martínez-Loredo et al. (2015)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Uso de substâncias.
Mayhew e Powell (2014)	<i>Recent Rash Impulsivity Scale</i>	Construção e evidências de validade	Uso de álcool.
Meule et al. (2019)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Diferentes transtornos mentais (amostra clínica).
Morean et al. (2014)	<i>Barratt Impulsiveness Scale , BIS/BAS scales e Brief Self-Control Scale</i>	Evidências de validade	Uso de substâncias.

Orozco-Cabal et al. (2010)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Diferentes transtornos mentais (amostra clínica).
Pechorro et al. (2015)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Comportamento criminal, uso de substâncias, agressividade.
Pechorro et al. (2017)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Uso de substâncias, comportamento sexual de risco e “perturbação do comportamento”.
Pilatti et al. (2015)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Evidências de validade	--
Pompeia et al. (2018)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Evidências de validade	--
Portilho-Souza e Silva (2013)	<i>BIS/BAS scales</i>	Adaptação	--
Reid et al. (2014)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Jogo patológico, uso de substâncias e comportamento hiper sexual.
Reise et al. (2013)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	--
Russo et al. (2011)	<i>I7</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Salvo e Castro (2013)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Uso de álcool e suicídio.
Sediyama (2014)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Transtorno bipolar.
Sediyama et al. (2017)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Sofia e Cruz (2013)	<i>BIS/BAS scales</i>	Adaptação e evidências de validade	Raiva e ansiedade.
Steinberg et al. (2013)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Agressividade e transtorno de personalidade borderline.
Stevens et al. (2020)	<i>Momentary Impulsivity Scale</i>	Evidências de validade	Uso de álcool.
Teese et al. (2020)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Evidências de validade	Jogo patológico.
Tomko et al. (2014)	<i>Momentary Impulsivity Scale</i>	Construção e evidências de validade	Transtorno de personalidade borderline.
Vasconcelos (2012)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Diferentes transtornos mentais.
Vasconcelos et al. (2015)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	Uso de substâncias e sintomas de desatenção e hiperatividade.
Verdejo-García et al. (2010)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	--
Vieira (2014)	<i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	Evidências de validade	--
Watts et al. (2020)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Evidências de validade	Diferentes transtornos mentais.
Weizmann-Henelius et al. (2019)	<i>IMP-V</i>	Construção e evidências de validade	Atos violentos.
Whitney et al. (2013)	<i>Fall-related Impulsive Behavior Scale</i>	Construção e evidências de validade	Risco de quedas em pessoas com deficiência cognitiva.
Zhang et al. (2020)	<i>UPPS(-P) Impulsive Behavior Scale</i>	Adaptação e evidências de validade	Depressão, ansiedade e uso de substâncias.

Considerações finais

A busca de evidências de validade de uma medida psicológica, seja ela construída ou adaptada, torna-se imprescindível quando se pretende aplicar este instrumento em um contexto ou população específica. Dito isso, esta revisão sistemática poderá auxiliar futuros pesquisadores que pretendam avaliar a impulsividade em contexto ou população retratada por um dos artigos aqui descritos. Ademais, os resultados aqui discutidos promoverão uma tomada de decisão mais acertada de pesquisadores que pretendam adaptar ou até construir novas medidas de impulsividade. Isto porque a revisão evidencia os modelos teóricos (e seus instrumentos) mais difundidos e utilizados nos últimos anos.

Como limitação deste estudo, aponta-se a ausência de um detalhamento dos resultados obtidos nos estudos de evidências de validade, os quais poderiam aprimorar a análise, quanto a robustez do instrumento em questão. Esta é, portanto, a agenda de pesquisa deste estudo: trazer mais detalhamento dos resultados alcançados.

Por fim, observa-se que, apesar da impulsividade ser um construto de grande demanda em avaliações psicológicas (por exemplo, porte de arma e concursos públicos), relacionadas a avaliações compulsórias (Faiad & Alves, 2018), não foram identificados estudos que mostrem sua relevância e evidências de validade neste contexto. Por se tratar de um tema de interesse para futuras contribuições na área, também se mostra como um importante campo de investimento para novos estudos.

Referências

- Adjorlolo, S., Asamoah, E., & Adu-Poku, S. (2018). Predicting delinquency by self-reported impulsivity in adolescents in Ghana. *Criminal behaviour and mental health*, 28(3), 270-281.
- Alcázar-Córcoles, M. Á., Verdejo, A. J., & Bouso-Sáiz, J. C. (2015). Psychometric Properties of Plutchik's Impulsivity Scale in Juvenile Spanish-speaking population. *Actas Esp Psiquiatr*, 43(5), 161-9.
- Ávila-Batista, A. C., & Rueda, F. J. M. (2011). Construção e estudos psicométricos de uma Escala de Avaliação da Impulsividade. *Psico-USF*, 16(3), 285-295.
- Barratt, E. S. (1993) Impulsivity: integrating cognitive, behavioral, biological and environmental data. In: McCowan W., Johnson J. L., Shure M. B. *The impulsive client: theory, research and treatment*. Washington, DC: American Psychological Association. p. 39-53.
- Bayard, S., Joly, E., Ghisletta, P., Rossignol, A., Herades, Y., Geny, C., ... & Rochat, L. (2016). A multidimensional approach to impulsivity in Parkinson's disease: measurement and structural invariance of the UPPS Impulsive Behaviour Scale. *Psychological medicine*, 46(14), 2931-2941.
- Berg, J. M., Latzman, R. D., Bliwise, N. G., & Lilienfeld, S. O. (2015). Parsing the heterogeneity of impulsivity: A meta-analytic review of the behavioral implications of the UPPS for psychopathology. *Psychological assessment*, 27(4), 1129.
- Bhat, N. A., Roopesh, B. N., Bhaskarapillai, B., & Benegal, V. (2018). Validation of the Barratt Impulsiveness Scale-short form among Indian adolescents. *Asian Journal of Psychiatry*, 37, 172-177.

- Billieux, J., Rochat, L., Ceschi, G., Carré, A., Offerlin-Meyer, I., Defeldre, A. C., ... & Van der Linden, M. (2012). Validation of a short French version of the UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Comprehensive psychiatry*, *53*(5), 609-615.
- Bøen, E., Hummelen, B., Elvsåshagen, T., Boye, B., Andersson, S., Karterud, S., & Malt, U. F. (2015). Different impulsivity profiles in borderline personality disorder and bipolar II disorder. *Journal of affective disorders*, *170*, 104-111.
- Bousardt, A. M. C., Noorthoorn, E. O., Hoogendoorn, A. W., Nijman, H. L. I., & Hummelen, J. W. (2018). On the link between emotionally driven impulsivity and aggression: evidence from a validation study on the Dutch UPPS-P. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, *62*(8), 2329-2344.
- Bteich, G., Berbiche, D., & Khazaal, Y. (2017). Validation of the short Arabic UPPS-P impulsive behavior scale. *BMC psychiatry*, *17*(1), 244.
- Buss, H. A., & Plomin, R. (1975). *A Temperament Theory of Personality Development*. New York: John Wiley & Sons.
- Cándido, A., Orduña, E., Perales, J. C., Verdejo-García, A., & Billieux, J. (2012). Validation of a short Spanish version of the UPPS-P impulsive behaviour scale. *Trastornos adictivos*, *14*(3), 73-78.
- Carver, C. S., & White, T. L. (1994). Behavioral inhibition, behavioral activation, and affective responses to impending reward and punishment: the BIS/BAS scales. *Journal of personality and social psychology*, *67*(2), 319.
- Casini, E., Preti, E., Sergi, I., Gnisci, A., & Richetin, J. (2020). Predictive Validity of the Three-Factor Model of Impulsivity for Risky Behaviors. *Journal of Personality Assessment*, *102*(2), 214-222.

- Chahin, N., Cosi, S., Lorenzo-Seva, U., & Vigil-Colet, A. (2010). Stability of the factor structure of Barrat's Impulsivity Scales for children across cultures: A comparison of Spain and Colombia. *Psicothema*, *22*(4), 883-889.
- Charles, N. E., Floyd, P. N., & Barry, C. T. (2019). The Structure, Measurement Invariance, and External Validity of the Barratt Impulsiveness Scale–Brief in a Sample of At-Risk Adolescents. *Assessment*, 1073191119872259.
- Che, Q., Yang, P., Gao, H., Liu, M., Zhang, J., & Cai, T. (2020). Application of the Chinese Version of the BIS/BAS Scales in Participants With a Substance Use Disorder: An Analysis of Psychometric Properties and Comparison With Community Residents. *Frontiers in Psychology*, *11*, 912.
- Claréus, B., Daukantaitė, D., Wångby-Lundh, M., & Lundh, L. G. (2017). Validation of a Swedish version of the short UPPS-P impulsive behavior scale among young adults. *Addictive behaviors reports*, *6*, 118-122.
- Coccaro, E. F., & Schmidt-Kaplan, C. A. (2012). Life history of impulsive behavior: development and validation of a new questionnaire. *Journal of psychiatric research*, *46*(3), 346-352.
- Costa, P. T. & McCrae, R. R. (1992). *Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI): Professional Manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment.
- Coutlee, C. G., Politzer, C. S., Hoyle, R. H., & Huettel, S. A. (2014). An abbreviated impulsiveness scale constructed through confirmatory factor analysis of the Barratt impulsiveness scale version 11. *Archives of scientific psychology*, *2*(1), 1.

- Cyders, M. A. (2013). Impulsivity and the sexes: Measurement and structural invariance of the UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Assessment, 20*(1), 86-97.
- Cyders, M. A., & Coskunpinar, A. (2011) Measurement of constructs using self-report and behavioral lab tasks: is there overlap in nomothetic span and construct representation for impulsivity? *Clinical Psychology Review, 31*, 965–982.
- Cyders, M. A., Littlefield, A. K., Coffey, S., & Karyadi, K. A. (2014). Examination of a short English version of the UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Addictive behaviors, 39*(9), 1372-1376.
- Cyders, M. A., Smith, G. T., Spillane, N. S., Fischer, S., Annus, A. M., & Peterson, C. (2007). Integration of impulsivity and positive mood to predict risky behavior: development and validation of a measure of positive urgency. *Psychological assessment, 19*(1), 107.
- Dickman, S. J. (1990). Functional and dysfunctional impulsivity: personality and cognitive correlates. *Journal of personality and social psychology, 58*(1), 95.
- D'Orta, I., Burnay, J., Aiello, D., Niolu, C., Siracusano, A., Timpanaro, L., ... & Billieux, J. (2015). Development and validation of a short Italian UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Addictive behaviors reports, 2*, 19-22.
- Dugré, J. R., Giguère, C. É., Percie du Sert, O., Potvin, S., & Dumais, A. (2019). The Psychometric Properties of a Short UPPS-P Impulsive Behavior Scale Among Psychiatric Patients Evaluated in an Emergency Setting. *Frontiers in Psychiatry, 10*, 139.

- Egan, T. E., Dawson, A. E., & Wymbs, B. T. (2017). Substance use in undergraduate students with histories of attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD): the role of impulsivity. *Substance use & misuse*, 52(10), 1375-1386.
- Eysenck, H. J. (1967). *The Biological Basis of Personality*. Springfield: C. C. Thomas.
- Eysenck, S. B. G. (1993). The I7: Development of a measure of impulsivity and its relationship to the superfactors of personality. In W. G. McCown, J. L. Johnson & M. B. Shure (Orgs.), *The Impulsive Client: Theory, Research and Treatment*. (pp. 141-149) American Psychological Association, Washington, DC.
- Fernandes, D. A. R. (2014). *Estudos de validação da escala de impulsividade BIS-11 de Barratt para uma amostra da população portuguesa* Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Few, L. R., Lynam, D. R., & Miller, J. D. (2015). Impulsivity-related traits and their relation to DSM–5 section II and III personality disorders. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 6(3), 261.
- Fields, S., Edens, J. F., Smith, S. T., Rulseh, A., Donnellan, M. B., Ruiz, M. A., ... & Douglas, K. S. (2015). Examining the psychometric properties of the Barratt Impulsiveness Scale–Brief Form in justice-involved samples. *Psychological Assessment*, 27(4), 1211.
- Galvão, T. F., Pansani, T. D. S. A., & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24, 335-342.

- Gao, Q., Zhang, J., & Jia, C. (2011). Psychometric properties of the Dickman Impulsivity Instrument in suicide victims and living controls of rural China. *Journal of affective disorders, 132*(3), 368-374.
- Garcia, M. S. (2018). *Adaptação da escala UPPS-P e sua aplicabilidade na população brasileira*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Geurten, M., Catale, C., Gay, P., Deplus, S., & Billieux, J. (2018). Measuring impulsivity in children: adaptation and validation of a short version of the UPPS-P impulsive behaviors scale in children and investigation of its Links With ADHD. *Journal of attention disorders, 1087054718775831*.
- Gomes, Á. K. V. (2016). *Tradução, adaptação transcultural e estrutura fatorial da versão brasileira do inventário de impulsividade de Dickman*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil.
- Gomes, Á. K., Diniz, L. F., Lage, G. M., de Miranda, D. M., de Paula, J. J., Costa, D., & Albuquerque, M. R. (2017). Translation, adaptation, and validation of the Brazilian version of the Dickman impulsivity inventory (Br-DII). *Frontiers in psychology, 8*, 1992.
- Goodwin, B. C., Browne, M., Rockloff, M., & Loxton, N. J. (2016). Rash impulsivity predicts lower anticipated pleasure response and a preference for the supernatural. *Personality and Individual Differences, 94*, 206-210.
- Hahn, A. M., Simons, R. M., & Hahn, C. K. (2016). Five factors of impulsivity: Unique pathways to borderline and antisocial personality features and subsequent alcohol problems. *Personality and individual differences, 99*, 313-319.

- Halvorson, M. A., Pedersen, S. L., Feil, M. C., Lengua, L. J., Molina, B., & King, K. M. (2020). *Impulsive States and Impulsive Traits: A Study of the Multilevel Structure and Validity of a Multifaceted Measure of Impulsive States*. *Assessment*, 1073191120939161.
- Hartmann, A. S., Rief, W., & Hilbert, A. (2011). Psychometric properties of the German Version of the Barratt Impulsiveness Scale, version 11 (Bis-11) for adolescents. *Perceptual and Motor Skills*, 112(2), 353-368.
- Huang, C. Y., Li, C. S. R., Fang, S. C., Wu, C. S., & Liao, D. L. (2013). The reliability of the Chinese version of the Barratt Impulsiveness Scale version 11, in abstinent, opioid-dependent participants in Taiwan. *Journal of the Chinese Medical Association*, 76(5), 289-295.
- Iribarren, M. M., Jiménez-Giménez, M., García-de Cecilia, J. M., & Rubio-Valladolid, G. (2011). Validation and psychometric properties of the State Impulsivity Scale (SIS). *Actas españolas de psiquiatria*, 39(1), 49–60.
- Jesuino, A. D. S. A., & Rueda, F. J. M. (2017). Evidências de validade para testes de Impulsividade e Atenção no contexto do trânsito. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(2), 24-41.
- Juneja, R., Chaiwong, W., Siripool, P., Mahapol, K., Wiriya, T., Shannon, J. S., ... Marriott, L. K. (2019). Thai adaptation and reliability of three versions of the Barratt Impulsiveness Scale (BIS 11, BIS-15, and BIS-Brief). *Psychiatry Research*, 272, 744–755.
- Kahn, J. P., Cohen, R. F., Etain, B., Aubin, V., Bellivier, F., Belzeaux, R., ... & Henry, C. (2019). Reconsideration of the factorial structure of the Barratt Impulsiveness Scale

- (BIS-11): Assessment of impulsivity in a large population of euthymic bipolar patients. *Journal of Affective Disorders*, 253, 203-209.
- Kane, M. J., & Engle, R. W. (2000). Working-memory capacity, proactive interference, and divided attention: Limits on long-term memory retrieval. *Journal of Experimental Psychology. Learning, Memory, and Cognition*, 26 (2), 336-358.
- Kapitány-Fövény, M., Urbán, R., Varga, G., Potenza, M. N., Griffiths, M. D., Szekely, A., ... & Demetrovics, Z. (2020). The 21-item Barratt Impulsiveness Scale Revised (BIS-R-21): An alternative three-factor model. *Journal of Behavioral Addictions*.
- Leandro, A. J. (2015). *Análise das características psicométricas da Escala de Impulsividade UPPS-P na população portuguesa mediante o Modelo de Rasch* (Tese de Mestrado). Universidade Lusófona, Lisboa.
- Lim, S. Y., & Kim, S. J. (2018). Validation of a short Korean version of the UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Asia-Pacific Psychiatry*, 10(3), e12318.
- Lindstrøm, J. C., Wyller, N. G., Halvorsen, M. M., Hartberg, S., & Lundqvist, C. (2017). Psychometric properties of a Norwegian adaption of the Barratt Impulsiveness Scale-11 in a sample of Parkinson patients, headache patients, and controls. *Brain and behavior*, 7(1), e00605.
- Lopez, P. L., Cetkovich-Bakmas, M., Lischinsky, A., Alvarez, P. D., & Torrente, F. (2012). Psychometric properties of the Barratt Impulsiveness Scale in a sample of the city of Buenos Aires. *Vertex (Buenos Aires, Argentina)*, 23(102), 85.
- Lu, C. F., Jia, C. X., Xu, A. Q., Dai, A. Y., & Qin, P. (2013). Psychometric characteristics of Chinese version of Barratt Impulsiveness Scale-11 in suicides and living controls of rural China. *OMEGA-Journal of Death and Dying*, 66(3), 215-229.

- Lutri, V., Soldini, E., Ronzitti, S., Smith, N., Clerici, M., Blaszczyński, A., & Bowden-Jones, H. (2018). Impulsivity and gambling type among treatment-seeking disordered gamblers: An explorative study. *Journal of gambling studies, 34*(4), 1341-1354.
- Malloy-Diniz, L. F., Mattos, P., Leite, W. B., Abreu, N., Coutinho, G., Paula, J. J. de, ... Fuentes, D. (2010). Tradução e adaptação cultural da Barratt Impulsiveness Scale (BIS-11) para aplicação em adultos brasileiros. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 59*(2), 99–105.
- Malloy-Diniz, Leandro F., Paula, Jonas J. de, Vasconcelos, Alina G., Almondes, Katie M. de, Pessoa, Rockson, Faria, Leonardo, Coutinho, Gabriel, Costa, Danielle S., Duran, Victor, Coutinho, Thales V., Corrêa, Humberto, Fuentes, Daniel, Abreu, Neander, & Mattos, Paulo. (2015). Normative data of the Barratt Impulsiveness Scale 11 (BIS-11) for Brazilian adults. *Brazilian Journal of Psychiatry, 37*(3), 245-248.
- Martínez-Loredo, V., Fernández-Hermida, J. R., Fernández-Artamendi, S., Carballo, J. L., & García-Rodríguez, O. (2015). Spanish adaptation and validation of the Barratt Impulsiveness Scale for early adolescents (BIS-11-A). *International Journal of Clinical and Health Psychology, 15*(3), 274–282.
- Mayhew, M. J., & Powell, J. H. (2014). The development of a brief self-report questionnaire to measure 'recent' rash impulsivity: a preliminary investigation of its validity and association with recent alcohol consumption. *Addictive behaviors, 39*(11), 1597–1605.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. Jr (1990). *Personality in adulthood*. New York: Guilford.
- Meule, A., Michalek, S., Friederich, H. C., & Brockmeyer, T. (2020). Confirmatory factor analysis of the Barratt Impulsiveness Scale–short form (BIS–15) in patients with mental disorders. *Psychiatry Research, 284*, 112665.

- Miller, E. (2003). *The measurement of impulsivity* (Doctoral dissertation, University of Warwick).
- Moeller, F. G., Barratt, E. S., Dougherty, D. M., Schmitz, J. M., & Swann, A. C. (2001). Psychiatric aspects of impulsivity. *American journal of psychiatry*, *158*(11), 1783-1793.
- Morean, M. E., DeMartini, K. S., Leeman, R. F., Pearlson, G. D., Anticevic, A., Krishnan-Sarin, S., ... O'Malley, S. S. (2014). Psychometrically improved, abbreviated versions of three classic measures of impulsivity and self-control. *Psychological Assessment*, *26*(3), 1003–1020.
- Newman, J., Widom, C., & Nathan, S. (1985). Passive Avoidance in Syndromes of Disinhibition. *Psychopathy and Extraversion. Journal of personality and social psychology*, *48*, 1316-27.
- Orozco-Cabal, L., Rodríguez, M., V Herin, D., Gempeler, J., & Uribe, M. (2010). Validity and reliability of the abbreviated Barratt Impulsiveness Scale in Spanish (BIS-15S). *Revista colombiana de psiquiatria*, *39*(1), 93-109.
- Pai, N. B., Vella, S-L., & Dawes, K. (2018). The clinical assessment of impulsivity. *Archives of Medicine & Health Sciences*, *6* (1), 95-98.
- Paula, J. J., de Souza Costa, D., Miranda, D. M., & Romano-Silva, M. A. (2020). The abbreviated version of the Barratt Impulsiveness Scale (ABIS): psychometric analysis, reliable change indexes in clinical practice and normative data. *Psychiatry Research*, 113120.

- Pechorro, P., Maroco, J., Ray, J. V., & Gonçalves, R. A. (2015). Psychometric properties of the Barratt Impulsiveness Scale version 11 among a Portuguese sample of incarcerated juvenile offenders. *Psychology, Crime & Law, 21*(9), 854–870.
- Pechorro, P., Oliveira, J. P., Gonçalves, R., & Jesus, S. (2018). Propriedades psicométricas de uma versão reduzida da Escala de Impulsividade de Barratt-11 numa amostra escolar de adolescentes portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación—e Avaliação Psicológica, 7*, 157-170.
- Pilatti, A., Lozano, O. M., & Cyders, M. A. (2015). Psychometric properties of the Spanish version of the UPPS-P Impulsive Behavior Scale: A Rasch rating scale analysis and confirmatory factor analysis. *Psychological Assessment, 27*(4), e10–e21.
- Pompeia, S., Inacio, L. M., de Freitas, R. S., Zanini, G. V., Malloy-Diniz, L., & Cogomora, H. (2018). Psychometric properties of a short version of the impulsiveness questionnaire upps-p in a Brazilian adult sample: Invariance for effects of age, sex and socioeconomic status and subscales viability. *Frontiers in Psychology, 9*, 1059.
- Portilho-Souza, E., & Silva, C. H. N. E. (2013). Tradução e adaptação da escala BIS/BAS para aplicação em adultos brasileiros. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde, 11*(2), 470-476.
- Preti, E., Richetin, J., Suttora, C., & Pisani, A. (2016). Individual differences in components of impulsivity and effortful control moderate the relation between borderline personality disorder traits and emotion recognition in a sample of university students. *Psychiatry Research, 238*, 109-115.
- Reid, R. C., Cyders, M. A., Moghaddam, J. F., & Fong, T. W. (2014). Psychometric properties of the Barratt Impulsiveness Scale in patients with gambling disorders,

- hypersexuality, and methamphetamine dependence. *Addictive Behaviors*, 39(11), 1640–1645.
- Reise, S. P., Moore, T. M., Sabb, F. W., Brown, A. K., & London, E. D. (2013). The Barratt Impulsiveness Scale–11: Reassessment of its structure in a community sample. *Psychological Assessment*, 25(2), 631–642.
- Richards, J. B., Zhang, L., Mitchell, S., & de Wit, H. (1999). Delay and probability discounting in a model of impulsive behavior: effect of alcohol. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 71, 121-143.
- Rosenbaum, M., & Baker, E. (1984). Comportamento de autocontrole em crianças hiperativas e não hiperativas. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 12, 303-317.
- Russo, P. M., Leone, L., & De Pascalis, V. (2011). Cross-cultural validity of the I7 impulsiveness-venturesomeness-empathy scales: evidence from the Italian I7. *Comprehensive psychiatry*, 52(4), 446-452.
- Salvo G, L., & Castro S, A. (2013). Confiabilidad y validez de la escala de impulsividad de Barratt (BIS-11) en adolescentes. *Revista Chilena de Neuro-Psiquiatría*, 51(4), 245–254.
- Sediyama, C. Y. N. (2014). *Investigação das características psicométricas da UPPS Escala de Comportamento Impulsivo para uma população brasileira*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Sediyama, C. Y., Moura, R., Garcia, M. S., da Silva, A. G., Soraggi, C., Neves, F. S., ... & Malloy-Diniz, L. F. (2017). Factor analysis of the Brazilian version of UPPS impulsive behavior scale. *Frontiers in psychology*, 8, 622.

- Sharma, L., Markon, K. E., & Clark, L. A. (2014). Toward a theory of distinct types of “impulsive” behaviors: A meta-analysis of self-report and behavioral measures. *Psychological bulletin*, *140*(2), 374.
- Sofia, R. M., & Cruz, J. F. A. (2013). Estudo psicométrico inicial de adaptação e validação da " BIS/BAS" numa amostra de atletas portugueses. In A. Pereira, M. Calheiros, P. Vagos e col. (Orgs). *Actas do VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 1285-1294). Aveiro: APP - Associação Portuguesa de Psicologia.
- Soler, J., Elices, M., Pascual, J. C., Martín-Blanco, A., Feliu-Soler, A., Carmona, C., & Portella, M. J. (2016). Effects of mindfulness training on different components of impulsivity in borderline personality disorder: results from a pilot randomized study. *Borderline personality disorder and emotion dysregulation*, *3*(1), 1.
- Steinberg, L., Sharp, C., Stanford, M. S., & Tharp, A. T. (2013). New tricks for an old measure: The development of the Barratt Impulsiveness Scale–Brief (BIS-Brief). *Psychological Assessment*, *25*(1), 216–226.
- Stevens, A. K., Blanchard, B. E., Talley, A. E., Brown, J. L., Halvorson, M. A., Janssen, T., ... & Littlefield, A. K. (2020). State-level impulsivity, affect, and alcohol: A psychometric evaluation of the momentary impulsivity scale across two intensive longitudinal samples. *Journal of research in personality*, *85*, 103914.
- Teese, R., Willie, C., Jago, A., & Gill, P. R. (2020). An Investigation of Alternative Factor Models of Impulsivity using the UPPS-P. *Journal of Personality Assessment*, 1-8.
- Tellegen, A. (1982). *Multidimensional Personality Questionnaire*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.

- Tomko, R. L., Solhan, M. B., Carpenter, R. W., Brown, W. C., Jahng, S., Wood, P. K., & Trull, T. J. (2014). Measuring impulsivity in daily life: the momentary impulsivity scale. *Psychological assessment, 26*(2), 339–349.
- Tran, J., Teese, R., & Gill, P. R. (2018). UPPS-P facets of impulsivity and alcohol use patterns in college and noncollege emerging adults. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse, 44*(6), 695-704.
- Vasconcelos, A. G. (2012). *Adaptação cultural e investigação das propriedades psicométricas da Barratt Impulsiveness Scale (BIS-11)*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Vasconcelos, Alina Gomide, Teodoro, Maycoln Leôni Martins, Malloy-Diniz, Leandro, & Correa, Humberto. (2015). Impulsivity components measured by the Brazilian version of the Barratt Impulsiveness Scale (BIS-11). *Psicologia: Reflexão e Crítica, 28*(1), 96-105.
- Verdejo-García, A., Lozano, Ó., Moya, M., Alcázar, M. Á., & Pérez-García, M. (2010). Psychometric Properties of a Spanish Version of the UPPS–P Impulsive Behavior Scale: Reliability, Validity and Association With Trait and Cognitive Impulsivity. *Journal of Personality Assessment, 92*(1), 70–77.
- Vieira, H. M. (2014). *Psychometric Characteristics of Barratt Impulsiveness Scale in Adolescents*. Dissertação de mestrado, Universidade Tuiuti do Paraná, Tuiuti, PR, Brasil.
- Watts, A. L., Smith, G. T., Barch, D. M., & Sher, K. J. (2020). Factor structure, measurement and structural invariance, and external validity of an abbreviated youth version of the UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Psychological assessment, 32*(4), 336–347.

Weizmann-Henelius, G., Putkonen, H., Rissanen, T., Eronen, M., & Webster, C. D. (2019).

Exploring a new structured professional judgment measure (impulsivity measure related to violence) after an average follow-up of 10 years: A study of Finnish offenders. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 29(1), 57-68.

Whiteside, S. P., & Lynam, D. R. (2001). The five factor model and impulsivity: Using a

structural model of personality to understand impulsivity. *Personality and individual differences*, 30(4), 669-689.

Whitney, J., Jackson, S. H., Close, J. C., & Lord, S. R. (2013). *Development and validation of*

a fall-related impulsive behaviour scale for residential care. Age and ageing, 42(6), 754–758.

Zhang, Y., Qiu, X., Ren, Q., Zhou, Z., Zhou, H., Du, J., ... & Liu, W. (2020). Psychometric

Properties of the Chinese version of UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Frontiers in Psychiatry*, 11.

Manuscrito 2

Modelo UPPS(-P) e sua relação com o modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade:
uma Revisão Sistemática

*UPPS(-P) model and its relationship with the Five Factor Theory of Personality: a
Systematic Review*

Resumo

O modelo UPPS-P de impulsividade, desde a sua criação, vem sendo associado ao modelo de personalidade dos Cinco Grandes Fatores (CGF), principalmente relacionando-se às dimensões "neuroticismo", "conscienciosidade" e "extroversão". Portanto, objetivando analisar se essas relações são replicadas nos estudos que fazem uso de medidas destes modelos, realizou-se uma revisão sistemática que abarcou artigos publicados entre 2001 e 2020 nas bases de dados PsycINFO e PubMed Central (PMC). Nos 15 artigos analisados, dos 588 levantados na primeira busca, observou-se que a maioria das relações esperadas ainda são replicadas nestes estudos, em especial a relação entre a "urgência negativa" e o "neuroticismo", ou ainda entre "falta de premeditação" e "conscienciosidade". Outro achado relevante refere-se à predominância de estudos que abordassem o uso problemático de álcool e outras substâncias como um comportamento de risco relacionado à impulsividade. Esses dados indicam a importância de maior investimento na avaliação da personalidade, em específico das dimensões "neuroticismo", "conscienciosidade" e "extroversão", nos estudos que se pretende avaliar a impulsividade em um contexto específico.

Palavras-chave: revisão sistemática; UPPS-P; Big Five; impulsividade

Abstract

The UPPS-P model of impulsivity, since its creation, has been associated with the personality model of the Big Five Factors (CGF), mainly related to the dimensions "neuroticism", "conscientiousness" and "extraversion". Therefore, aiming to analyze whether these relationships are replicated in studies that use measures of these models, a systematic review was carried out that included articles published between 2001 and 2020 in the PsycINFO and PubMed Central (PMC) databases. In the 15 articles analyzed, of the 588 surveyed in the first search, it was observed that most of the expected relationships are still replicated in these studies, in particular the relationship between "negative urgency" and "neuroticism", or even between "lack of premeditation" and "conscientiousness". Another relevant finding refers to the predominance of studies that addressed the problematic use of alcohol and other substances as a risk behavior related to impulsivity. These data indicate the importance of greater investment in personality assessment, specifically in the dimensions "neuroticism", "conscientiousness" and "extraversion", in the studies that intend to assess impulsivity in a specific context.

Keywords: systematic review; UPPS-P; Big Five; impulsivity.

A impulsividade, construto este conhecido pela sua multidimensionalidade, traz consigo diferentes conceitualizações e abordagens, a depender do enfoque adotado pelos teóricos que se dedicam a estudá-la. Entretanto, muito se sabe da relação existente, há tempos estudada, entre os modelos de impulsividade e os diversos modelos gerais de personalidade. Uma das relações mais conhecidas quando se trata do estudo da impulsividade, refere-se à relação entre o modelo UPPS (-P) (*Urgency, Premeditation, Perseverance, Sensation Seeking e Positive Urgency*) (Cyders et al, 2007; Whiteside & Lynam, 2001) e o modelo Big Five, conhecido como modelo dos Cinco Grande Fatores (CGF) de Personalidade (Costa & McCrae, 1992b).

Modelo UPPS(-P) de Impulsividade

O modelo UPPS fez-se uso do modelo dos CGF de personalidade para avaliar as facetas da impulsividade, alegando ser este, um modelo que abrange e inclui diversos traços que, anteriormente eram descritos como impulsividade (Whiteside & Lynam, 2001). Afinal, instrumentos construídos com base no modelo dos CGF já abarcam a faceta “impulsividade”, como é o caso do NEO PI-R, em que esta faceta faz parte do domínio “neuroticismo” (Costa & McCrae, 1992b).

A construção do modelo UPPS, por sua vez, se fez com base nos instrumentos de impulsividade existentes à época, chegando-se à uma estrutura fatorial de quatro grandes fatores, sendo eles: “urgência”, “(falta de) perseverança”, “(falta de) premeditação” e “busca por sensações”. Cada um destes fatores associou-se a uma faceta dos CGF. Logo, “urgência” apresentou relação com a faceta “impulsividade”, assim como a “falta de premeditação” esteve associada à (baixa) “deliberação”. Outrossim, a “falta de perseverança” correlacionou-se com (baixa) “autodisciplina”. A “busca por sensações”, por sua vez, associou-se com “procura de excitação” (Whiteside & Lynam, 2001). Ressalta-se que, posterior à criação do modelo UPPS, Cyders et al. (2007) propôs uma atualização, fazendo a inclusão do fator

“urgência positiva” e renomeando o fator “urgência”, para “urgência negativa” e sua sigla passou a ser UPPS-P.

Adicionado a isso, o próprio modelo UPPS-P também possui associações mais frequentes entre os seus fatores e alguns sintomas ou transtornos específicos, como apresentado pela metanálise realizada por Berg et al. (2015). O fator “falta de premeditação”, por exemplo, está relacionado positivamente com o uso de substâncias, traços de *borderline*, suicídio e autolesão não suicida e compulsões. A “falta de perseverança” se vê associada positivamente com o uso problemático de álcool e outras substâncias, com os traços de *borderline*, agressividade, psicopatia secundária e transtornos depressivos. A “urgência negativa”, no que lhe concerne, prediz o uso problemático de álcool e de outras substâncias, transtornos alimentares, traços de *borderline*, suicídio e autolesão não suicida. A “urgência positiva” também está positivamente associada aos traços de *borderline* e ao uso problemático de álcool, bem como, de outras substâncias. Enquanto a “busca por sensações” apresenta maior relação positiva com a frequência no uso de álcool e outras substâncias, suicídio, psicopatia primária e secundária (Berg et al., 2015).

Modelo dos Cinco Grandes Fatores de personalidade

Os traços de personalidade fazem referência aos padrões de funcionamento individuais identificados em diferentes culturas (Costa & McCrae, 1992a; Pires et al., 2019). Estes padrões apresentam relativa estabilidade, provocando, portanto, as diferenças individuais. Logo, estes traços constituem as características mais marcantes de uma pessoa, sendo os que as fazem ser reconhecidas nos seus contextos de interação (Costa & McCrae, 1992a).

A personalidade carrega consigo uma diversidade de modelos teóricos que apresentam diferentes abordagens do construto. Dentre eles, o modelo de Eysenck, constituído pelas

dimensões Psicoticismo, Neuroticismo e Extroversão (Eysenck, 1952); o modelo de personalidade de Zuckerman-Kuhlman (Zuckerman et al., 1993), abarcando cinco dimensões, a saber: neuroticismo/ansiedade, busca de sensações/impulsividade, sociabilidade, atividade e agressão/hostilidade; além do modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) de Costa e McCrae (1992b), constituído por Abertura, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo.

O modelo dos CGF apresenta atualmente uma robusta literatura que contribui para a consistência do modelo na avaliação e compreensão do construto (Passos & Laros, 2014). No cenário internacional, algumas medidas baseadas no modelo dos CGF ganham maior destaque na avaliação da personalidade, a saber: *Big Five Inventory (BFI)*, *Revised NEO Personality Inventory (NEO PI-R)*, *Five-Factor Personality Inventory*, *Ten Item Personality Inventory*, *Global Personality Inventory*, *Traits Personality Questionnaire*, *Big Five Marker Scales*, *Project Talent Personality Inventory (PTPI)* e *Hierarchical Personality Inventory for Children* (Pires et al., 2019). Por sua vez, no âmbito nacional, observa-se uma maior frequência na escolha das seguintes medidas: a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), o Inventário de Personalidade NEO – Revisado (NEO PI-R) e sua versão curta (NEO FFI-R), além do Inventário reduzido dos Cinco Fatores de Personalidade (ICFP-R) (Pires et al., 2019).

O modelo estrutural dos CGF de personalidade também se torna mais aceito cientificamente por acumular evidências de sua replicabilidade em diversas culturas. O estudo de Schmitt et al. (2007) corrobora o postulado, ao comprovar a sua replicabilidade, em especial, de uma medida específica dos CGF em todas as principais regiões culturais do mundo. Alguns achados do estudo também permitiram identificar vários padrões entre as culturas, tais como as diferenças significativas de “conscienciosidade” de regiões da África e

do Leste Asiático, assim como, a diferente forma assumida pela dimensão “abertura” nas culturas mais coletivistas.

O modelo dos CGF é estruturado em cinco fatores, sendo cada um deles subdivididos em diferentes facetas. A depender do instrumento, a nomenclatura desses fatores e facetas podem sofrer algumas alterações. A Tabela 1 traz a definição comumente adotada para cada um deles.

Tabela 1

Descrição dos fatores e suas facetas, segundo a Teoria dos Cinco Fatores

Fatores	Definição	Facetas
Instabilidade emocional	Tendência a vivenciar mais intensamente o sofrimento psicológico, instabilidade emocional e vulnerabilidade. Evidencia mais os aspectos negativos do que os positivos de uma situação.	Vulnerabilidade Impulsividade Depressão Hostilidade Ansiedade Autoconfiança
Extroversão	Facilidade na interação com outras pessoas, mesmo com quem não tem intimidade. Refere-se a pessoas mais ativas e que possuem maior facilidade para externalizar suas preferências e crenças.	Afiliação Afago Assertividade Emoções positivas Diversão Atividade
Agradabilidade	Associada à lealdade e à facilidade em ajudar e confiar nas outras pessoas; apresenta maior sinceridade e facilidade em se tornar submissa.	Altruísmo Orientação correta Concordância Modéstia Sensibilidade Confiança
Conscienciosidade	Motivação voltada para o sucesso, perseverança, habilidade de se planejar para o alcance de uma meta, além da capacidade de se organizar e de ser pontual.	Autodisciplina Realização Ordem Deliberação Competência Orientação para tarefa
Abertura	Interesse em novas experiências e em valores não convencionais. Apresenta maior curiosidade e criatividade.	Fantasia Ações Criatividade Sentimentos Valores Interesses culturais

Nota. Fonte: Costa & McCrae (1995)

Retomando, portanto, a relação comumente visualizada entre modelos de impulsividade e de personalidade, esta revisão teve como objetivo principal, avaliar especificamente a relação entre o modelo UPPS (-P) e o modelo dos CGF por meio de uma revisão sistemática acerca das publicações realizadas entre os anos de 2001 e 2020. Dessa forma, este objetivo foi motivado pelo interesse em verificar se ainda se confirmam as relações visualizadas pelos teóricos criadores do modelo UPPS (-P), e se é possível identificar, entre os artigos analisados, relações comumente vistas entre os fatores dos dois modelos. Principalmente para sustentar o uso da personalidade como uma importante evidência de validade de medidas de impulsividade.

Método

A revisão sistemática buscou analisar estudos empíricos que evidenciassem a relação existente entre o modelo UPPS de Whiteside e Lynam (2001) e o modelo dos CGF de Costa e McCrae (1992b). Dessa forma, a busca teve como maior foco, os estudos empíricos que, dentre os instrumentos aplicados, utilizassem a medida UPPS (ou a sua variação UPPS-P) e algum instrumento de personalidade baseado nos CGF. A escolha do modelo dos CGF, para a análise da relação com o de impulsividade em questão, justifica-se pela escolha deste modelo de personalidade, feita pelos autores no estudo de construção da UPPS. Logo, Whiteside e Lynam (2001) afirmaram que os CGF fornecem uma estrutura relevante para a compreensão e o estudo do construto de impulsividade. Além disso, os próprios autores utilizaram de um instrumento baseado nos CGF (o NEO PI-R) para avaliar as possíveis relações com as medidas de impulsividade existentes à época.

A busca foi realizada nas bases de dados PsycINFO e PubMed Central (PMC). Tendo em vista que o modelo UPPS foi criado no ano de 2001, optou-se por realizar uma busca que envolvesse o período de 01/01/2001 a 01/09/2020, para que abrangesse todos os estudos que

fizeram uso da medida UPPS. Os descritores utilizados na operacionalização da busca foram: *“impulsivity” AND “UPPS” AND “personality” AND (“Five Factor Model” OR “FFM” OR “Big Five”)*.

A análise inicial dos estudos utilizou os seguintes critérios de inclusão: a) artigo publicado no período preestabelecido; b) artigo empírico; c) artigo que tenha utilizado, necessariamente, o instrumento UPPS (ou suas variações) e uma medida baseada no modelo dos Cinco Grandes Fatores. Por outro lado, foram excluídos os artigos duplicados e os que não atenderam aos critérios de inclusão. Nesta primeira análise, avaliou-se, em especial, o resumo e o método dos estudos, análise esta, suficiente, para identificar o cumprimento ou não dos critérios de inclusão.

Posterior a esta análise inicial, uma investigação mais minuciosa foi realizada, para descartar os artigos que, mesmo tendo utilizado a escala UPPS e uma medida baseada nos CGF, não descreveu ou até, não abordou a possível relação observada entre os resultados de tais medidas. Portanto, estes estudos não seriam relevantes para esta revisão, tendo em vista que, não apresentariam resultados pertinentes para a discussão proposta neste artigo. Nesta última análise, utilizaram-se os artigos que haviam cumprido com os critérios de inclusão para identificar as seguintes informações: ano de publicação, palavras-chave, objetivo geral, local de origem dos estudos, perfil amostral, técnicas de coleta de dados utilizadas (questionário, observação, análise documental, medidas fisiológicas), instrumentos de impulsividade utilizados, instrumentos de personalidade utilizados, relação observada entre UPPS e instrumento baseado nos CGF, possíveis transtornos mentais relacionados e breve resumo dos resultados.

Resultados

Seleção dos estudos

A Figura 1 descreve o processo de seleção dos estudos. A primeira etapa referiu-se à retirada dos artigos duplicados, resultando assim, em 581 artigos, das duas bases de dados em conjunto (PsycINFO e Pubmed PMC). Em seguida, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão. Após uma leitura atenta dos resumos e métodos dos estudos, retirou-se os que não eram empíricos e os que não utilizaram, conjuntamente, a UPPS e um instrumento de personalidade baseado nos CGF. Por fim, foram excluídos também os que não abordaram a possível correlação existente entre os fatores da UPPS e os fatores do instrumento baseados nos CGF. Portanto, restaram 15 artigos para análise pormenorizada e discussão dos pontos relevantes.

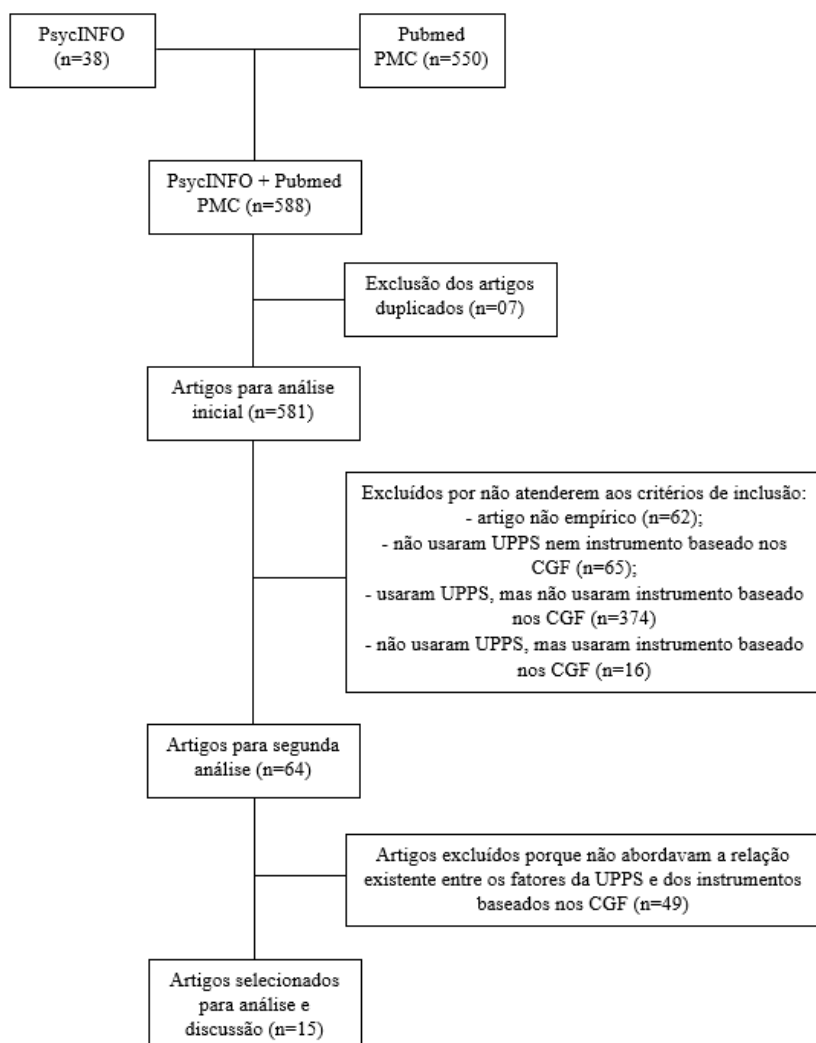


Figura 1. Fluxograma da seleção dos artigos analisados

Características bibliográficas dos estudos

Os artigos selecionados para análise foram publicados no período de 2009 a 2020, o que evidencia a falta de estudos no período de 2001 a 2008 com o objetivo estipulado por este trabalho. Observou-se, de acordo com a Figura 2, uma variação de 0 a 3 artigos por ano, considerando o ano de 2012, o de maior publicação. Entretanto, não foi possível identificar uma regularidade na frequência de publicações.



Figura 2. Publicações por ano

Quanto ao país de origem dos estudos, onze deles foram realizados nos Estados Unidos, um na Inglaterra, um na Espanha, um na Alemanha e um com amostra dos Estados Unidos e da Inglaterra. Evidenciando, portanto, uma produção significativamente maior, dos pesquisadores americanos. E no que se refere aos periódicos nos quais os artigos foram publicados, observou-se uma frequência relativamente maior no *Journal of Studies on Alcohol and Drugs* e no *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, cada um com duas publicações. Os demais artigos foram submetidos a periódicos distintos.

Ainda referente às características bibliográficas dos estudos, identificou-se que o perfil amostral de onze artigos foi de graduandos de universidades locais. Enquanto os demais artigos utilizaram amostras formadas por adolescentes, exceto um, que trabalhou com amostras clínicas de diferentes faixas etárias.

Instrumentos utilizados

Este estudo teve como norteador, na seleção de artigos, o critério de utilização de um instrumento de personalidade baseado nos CGF e a Escala de Impulsividade UPPS (ou sua variação UPPS-P). Observou-se que, de acordo com a Tabela 2, alguns instrumentos de personalidade foram mais utilizados, tais como o NEO PI-R e o *Big Five Inventory* (BFI). Quanto aos de impulsividade, três estudos fizeram ainda, o uso da escala em seu formato original, ou seja, a UPPS, sem a divisão do fator “urgência” em “urgência negativa” e “urgência positiva”.

Tabela 2

Instrumentos de personalidade e de impulsividade utilizados

Instrumentos de personalidade		Instrumentos de impulsividade	
Instrumentos	Artigos	Instrumentos	Artigos
NEO PI-R	Keye, et al. (2009) Kaufman, et al. (2010) Combs, et al. (2014) Settles, et al. (2012) Combs, et al. (2018) Ibáñez, et al. (2016)	Escala de Impulsividade UPPS-P	Denny e Siemer (2012) Latzman e Vaidya (2013) Latzman, et al. (2014) Ozga-Hess, et al. (2020) Combs, et al. (2014)
<i>Big Five Inventory</i> (BFI)	Denny e Siemer (2012) Latzman e Vaidya (2013) Latzman, et al. (2014) Ozga-Hess, et al. (2020) Bravo, et al. (2016) Mann, et al. (2017)		Kaiser, et al. (2012) Bravo, et al. (2016) Settles, et al. (2012) Combs, et al. (2018) Peters, et al. (2018) Chester, et al. (2017) Ibáñez, et al. (2016)
<i>Five Factor Model Rating Form (FFMRF) 120-item version of the International Personality Item Pool</i>	Kaiser, et al. (2012) Peters, et al. (2018) Chester, et al. (2017)	Escala de Impulsividade UPPS	Keye, et al. (2009) Kaufman, et al. (2010) Mann, et al. (2017)

Ressalta-se ainda que, muitos estudos não utilizaram os instrumentos em sua totalidade. Logo, conforme descrito na Tabela 3, fizeram o uso apenas de alguns domínios ou fatores dos instrumentos que lhes fossem mais interessantes, a depender do objetivo do estudo. Dentre os domínios de personalidade, o mais utilizado foi o “neuroticismo”, dando maior destaque às facetas de “depressão” e “ansiedade”. No que se refere aos fatores da UPPS-P, os mais utilizados separadamente foram os da “urgência negativa” e “urgência positiva”, sendo o primeiro, o mais frequente.

Correlação entre os fatores da UPPS e dos CGF

Outro critério significativo na escolha dos artigos foi o enfoque dado, pelos autores, para a relação existente entre os CGF e os fatores da UPPS. Dito isso, a Tabela 3 traz, de forma resumida, a relação apontada por cada um dos estudos.

Tabela 3*Correlações entre os CGF da personalidade e os fatores da UPPS*

Artigo	Cinco Grandes Fatores da personalidade				
	Neuroticismo	Conscienciosidade	Amabilidade	Extroversão	Abertura
Bravo et al. (2016)	Não avaliado	UN (-0,43); UP (-0,46); PRE (0,46); PER (0,69); BS (cns).	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado
Chester et al. (2017)	FPER (0,24); UN (0,44); UP (0,29); BS (-0,27).	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado
Combs et al. (2014)	UN (0,57) com facetas depressão e ansiedade	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado
Combs et al. (2018)	UN (0,52) com facetas depressão e ansiedade	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado
Denny e Siemer (2012)	UN (0,56); UP (0,28)	Não avaliado	UN (-0,40); UP (-0,28)	Não avaliado	Não avaliado
Ibáñez et al. (2016)	Correlação positiva com UP e UN.	Correlação negativa com FPER e UP.	Correlação negativa com UP.	Correlação positiva com BS.	Não informado.
Kaiser et al. (2012)	UN (0,51)	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado
Kaufman et al. (2010)	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado	FPRE (-0,36) com faceta Fantasia e (-0,36) com faceta Ação; BS (0,40) com faceta Ação.

Keye et al. (2009)	U (0,64); PRE (-0,34); PER (-0,32). Os três relacionados com faceta impulsividade.	U (-0,52); PRE (0,50); PER (0,75); BS (-0,17).	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado
Latzman e Vaidya (2013)	Não avaliado	Não avaliado	FPRE (-0,42); FPER (-0,50).	Não avaliado	Não avaliado
Latzman et al. (2014)	Não avaliado	Não avaliado	FPER (-0,48) ; FPRE (-0,41).	Não avaliado	Não avaliado
Mann et al. (2017)	U (0,46); FPRE (cns); FPER (0,22); BS(cns).	U (-0,33); FPRE (-0,46); FPER (-0,68); BS(-0,20).	U (-0,33); FPRE (-0,20); FPER (-0,22); BS(cns).	U (cns); FPRE (0,21); FPER (-0,16); BS(0,21).	U (cns); FPRE (cns); FPER (cns); BS(cns).
Ozga-Hess et al. (2020)	UN (0,56); UP (0,18); FPRE (0,09); FPER (0,32); BS (-0,26).	UN (-0,48); UP (-0,47); FPRE (-0,48); FPER (-0,70); BS (cns).	UN (-0,44); UP (-0,37); FPRE (-0,24); FPER (-0,29); BS (cns).	UN (-0,19); UP (cns); FPRE (0,11); FPER (-0,32); BS (0,32).	UN (-0,20); UP (-0,21); FPRE (-0,16); FPER (-0,21); BS (0,11).
Peters et al. (2018)	UN (0,47)	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado
Settles et al. (2012)	UN (0,31) com faceta ansiedade e UN (0,54) com faceta depressão	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado	Não avaliado

Nota. U = Urgência; UN = Urgência Negativa; UP = Urgência Positiva; FPRE = Falta de Premeditação; PRE = Premeditação; FPER = Falta de Perseverança; PER = Perseverança; BS = Busca por sensações; cns = correlação não significativa.

Dos artigos analisados, ressalta-se que Ibáñez et al. (2016) não mencionaram os coeficientes de correlação, apenas discutiram sobre o sentido da relação destes. Além disso, Kaufman, et al. (2010) detalharam os coeficientes de todas as facetas do domínio “Abertura”, contudo, optou por relatar apenas os que possuísem coeficiente maior ou igual a 0,30.

Após análise da Tabela 3 observa-se que, a dimensão “neuroticismo” foi a mais avaliada nos estudos em questão (Chester et al., 2017; Combs et al., 2014; Combs et al., 2018; Denny e Siemer, 2012; Ibáñez et al., 2016; Kaiser et al., 2012; Keye et al., 2009; Mann et al., 2017; Ozga-Hess et al., 2020; Peters et al., 2018; Settles et al., 2012), enquanto as dimensões “abertura” e “extroversão”, não receberam tanto enfoque, tendo sido abordadas por menos estudos (Ibáñez et al., 2016; Kaufman et al., 2010; Mann et al., 2017; Ozga-Hess et al., 2020).

No que se refere aos fatores da UPPS, percebe-se que o fator “urgência negativa” foi o mais avaliado (Bravo et al., 2016; Chester et al., 2017; Combs et al., 2014; Combs et al., 2018; Denny & Siemer, 2012; Ibáñez et al., 2016; Kaiser et al., 2012; Ozga-Hess et al., 2020; Peters et al., 2018; Settles et al., 2012), seguido dos fatores “falta de perseverança” (Bravo et al., 2016; Chester et al., 2017; Ibáñez et al., 2016; Kaufman et al., 2010; Keye et al., 2009; Latzman & Vaidya, 2013; Latzman et al., 2014; Mann et al., 2017; Ozga-Hess et al., 2020), “falta de premeditação” (Bravo et al., 2016; Chester et al., 2017; Kaufman et al., 2010; Keye et al., 2009; Latzman & Vaidya, 2013; Latzman et al., 2014; Mann et al., 2017; Ozga-Hess et al., 2020) e “busca por sensações” (Bravo et al., 2016; Chester et al., 2017; Ibáñez et al., 2016; Kaufman et al., 2010; Keye et al., 2009; Mann et al., 2017; Ozga-Hess et al., 2020). A “urgência positiva” foi a menos avaliada nos artigos analisados (Bravo et al., 2016; Chester et al., 2017; Denny & Siemer, 2012; Ibáñez et al., 2016; Ozga-Hess et al., 2020).

Quanto às correlações entre os fatores da UPPS e as dimensões dos CGF, os dados indicam que a “urgência negativa” foi o fator que apresentou maiores índices de correlação, principalmente, quando esteve relacionado à dimensão “neuroticismo” (Bravo et al., 2016; Chester et al., 2017; Combs et al., 2014; Combs et al., 2018; Denny & Siemer, 2012; Kaiser et al., 2012; Ozga-Hess et al., 2020; Peters et al., 2018; Settles et al., 2012). A “falta de premeditação” apresentou maiores índices de correlação quando associada à dimensão “conscienciosidade” (Bravo et al., 2016; Keye et al., 2009; Mann et al., 2017; Ozga-Hess et al., 2020). O mesmo ocorre com “falta de perseverança”, que também apresentou maiores índices de correlação ao se relacionar com “conscienciosidade” (Bravo et al., 2016; Keye et al., 2009; Mann et al., 2017; Ozga-Hess et al., 2020), com exceção de dois estudos em que foi correlacionado com “amabilidade” e que também apresentou índices robustos (Latzman & Vaidya, 2013; Latzman et al., 2014).

O fator “busca por sensações” não apresentou adequados índices de correlação, destacando apenas os estudos de Kaufman et al. (2010) e Ozga-Hess et al. (2020), nos quais obtiveram índices acima de 0,30 ao se relacionar, respectivamente, com as dimensões “abertura” e “extroversão”. Ressalta-se ainda que, este fator apresentou de forma reiterada nos estudos analisados, correlações não significativas. Por fim, a “urgência positiva” também repetiu a tendência de “busca por sensações” ao apresentar baixos índices de correlação, exceto nos estudos de Bravo et al. (2016) e Ozga-Hess et al. (2020), nos quais esse fator apresentou índices maiores do que 0,30, ao ser associado às dimensões “conscienciosidade” e “amabilidade”.

Contextos abordados nos estudos

A Tabela 4 detalha o contexto geral abordado nos artigos analisados. Observa-se, primeiramente, que há uma grande diversidade de temas envolvidos. Entretanto, se vê uma

predominância de artigos que abordam, mesmo que de forma indireta, o uso problemático de álcool e outras substâncias (Bravo et al., 2016; Combs et al., 2014; Combs et al., 2018; Kaiser et al., 2012; Latzman & Vaidya, 2013; Ozga-Hess et al., 2020; Settles et al., 2012).

Tabela 4

Contextos abordados em cada artigo avaliado

Artigo	Contexto abordado
Bravo et al. (2016)	Estratégias utilizadas para reduzir o uso de álcool e sua relação com antecedentes distais.
Chester et al. (2017)	Análise do efeito do afeto negativo no comportamento impulsivo em pessoas maior índice de urgência negativa.
Combs et al. (2014)	Agressão sexual em mulheres e o quanto traços de personalidade poderiam prever comportamentos externalizantes e internalizantes pós agressão.
Combs et al. (2018)	Agressão sexual em mulheres e o papel dos fatores pré-mórbidos para o desenvolvimento de alguns comportamentos após a agressão.
Denny e Siemer (2012)	Análise dos processos de controle executivo, modulado pelas emoções e as diferenças individuais quanto ao comportamento agressivo.
Ibáñez et al. (2016)	Relação entre diferenças individuais (incluindo traços de personalidade) em um jogo que envolve confiança entre os jogadores.
Kaiser et al. (2012)	Relação entre o afeto negativo (neuroticismo) e o possível risco do abuso do uso de substâncias.
Kaufman et al. (2010)	Relação entre as diferenças individuais na aprendizagem implícita, avaliando diversas variáveis cognitivas e de personalidade.
Keye et al. (2009)	Proposta de uma versão reduzida da UPPS para a população alemã.
Latzman e Vaidya (2013)	Análise da associação entre os componentes de desinibição versus constrangimento e agressão e problemas no uso de álcool.
Latzman et al. (2014)	Análise da associação entre desinibição versus constrangimento e as facetas de psicopatia.
Mann et al. (2017)	Possível influência genética da busca de sensações e da impulsividade no risco de desenvolvimento de comportamentos antissociais.
Ozga-Hess et al. (2020)	Influência de traços psicológicos na previsão do início e da continuação do tabagismo.
Peters et al. (2018)	Análise da atividade tônica do Sistema Nervoso Simpático e o seu papel de moderador entre o neuroticismo e urgência negativa.

Settles et al. (2012) Análise da urgência negativa como preditor de comportamentos externalizantes, tais como problemas com o uso de álcool e substâncias, sexo de risco e agressão.

Ainda quanto a Tabela 4, é notória a existência de alguns artigos que trazem um foco maior para o estudo, especificamente, do fator “urgência negativa” (Chester et al., 2017; Kaiser et al., 2012; Settles et al., 2012), o que não acontece com outros fatores do modelo. Também se fez possível observar uma repetição da temática abordada em estudos com autores em comuns (Combs et al., 2014; Combs et al., 2018; Latzman & Vaidya, 2013; Latzman et al., 2014).

Discussão

O objetivo deste estudo resumiu-se a avaliar artigos que apresentassem a relação existente entre fatores do modelo UPPS e as dimensões dos CGF de personalidade. Em uma revisão sistemática abrangendo o período de 2001 a 2020, foram identificados 15 artigos que apontam esta relação.

Inicialmente, identificou-se não haver nenhum artigo com este foco, publicado no período de 2001 a 2008, possivelmente por se tratar de um modelo ainda muito recente, tendo em vista que, a UPPS foi criada em 2001 por Whiteside e Lynam (2001). Dessa forma, outros modelos (e instrumentos) eram mais reconhecidos e utilizados nas pesquisas, como, por exemplo, a BIS-11 (Patton et al., 1995), levando em conta que é uma medida que, há aproximadamente 60 anos, vem sendo adaptada para diferentes culturas.

Ainda referente às características bibliográficas dos estudos, evidencia-se um fato importante: a maioria dos artigos apresentou um perfil amostral de graduandos, ou seja, um público predominantemente jovem. Enquanto o restante, com exceção de um artigo, era com adolescentes. Isso indica que os resultados alcançados e aqui discutidos, se limitam a este público, não podendo fazer generalizações a respeito da temática abordada.

Em seguida, avaliaram-se os instrumentos de personalidade utilizados nos estudos em questão, assim como, se os autores haviam aplicado a UPPS em sua versão original ou na já atualizada UPPS-P. Mesmo havendo uma predominância na utilização da UPPS em seu formato atualizado, três artigos ainda fizeram uso de sua versão original (Keye et al., 2009; Kaufman et al., 2010; Mann et al., 2017). Conseqüentemente, isso impediu uma melhor comparação destes estudos com os demais, principalmente tendo em vista que, a maioria dedicou maior atenção ao fator “urgência negativa”. Quanto aos instrumentos de personalidade utilizados, observou-se uma clara preferência pelas medidas NEO PI-R e *Big Five Inventory* (BFI). Não foram identificados estudos nacionais que mensurassem a relação entre fatores do modelo UPPS e as dimensões dos CGF de personalidade.

Na análise dos principais resultados desta revisão, a relação existente entre os fatores “falta de premeditação” e “falta de perseverança” com a dimensão “conscienciosidade”, se repete ao ser comparada com os achados de Whiteside e Lynam (2001). O mesmo ocorre com a relação observada entre “urgência negativa”/ “urgência” e “neuroticismo”. Lembrando que, apesar do modelo original UPPS citar apenas “urgência”, o significado deste fator refere-se a reações impulsivas frente a afetos negativos, ou seja, a mesma definição de “urgência negativa”. O que permitiu, portanto, esperar que houvesse uma relação entre “urgência” e “neuroticismo”. Já o fator “busca por sensações” demonstrou-se também correlacionada com a dimensão “extroversão”, repetindo os achados do estudo original de Whiteside e Lynam (2001).

Apesar dos fatores “urgência negativa” e “urgência positiva” não terem sido correlacionados com todas as dimensões dos CGF, observou-se que os achados também se repetiram como observado no estudo de Cyders e Smith (2008). Logo, a “urgência negativa” apresentou correlações substanciais, principalmente, em “neuroticismo”, seguido de

“conscienciosidade” e “amabilidade”. No caso da “urgência positiva”, esta se mostrou associada à “conscienciosidade”, “amabilidade” e “neuroticismo”.

Quanto aos contextos abordados nos artigos avaliados, observou-se uma predominância de estudos que se voltassem mais para o uso problemático de álcool e outras substâncias. Antes de adentrar especificamente nesse contexto, vale lembrar que, já se sabe da relação da impulsividade com diversos transtornos ou comportamentos patológicos, tais como o próprio transtorno relacionado a substâncias (Coskunpinar et al., 2013), comportamentos suicidas (Gvion & Apter, 2011), transtorno de jogo (Kräplin, 2014), transtorno de personalidade borderline (Barker, 2015), entre outros.

Na metanálise realizada por Coskunpinar et al. (2013), eles chamam a atenção das diferentes relações dos fatores da UPPS-P com o uso do álcool. Melhor dizendo, observaram-se tamanhos de efeito diferentes para cada fator, quando se avaliava: dependência, quantidade de álcool consumida, uso problemático ou ainda uso excessivo do álcool, assim como a frequência deste uso. Especificamente para a “urgência negativa”, esta esteve mais associada à dependência do álcool e ao seu consumo problemático. Em outra revisão, observou-se que, para o consumo excessivo de álcool, a “urgência negativa” também tem sido o fator mais associado a este consumo (Adan et al., 2017).

Os dados evidenciam que o fator mais avaliado nos artigos que envolviam, em seu contexto, o uso problemático de álcool e outras substâncias (Bravo et al., 2016; Combs et al., 2014; Combs et al., 2018; Kaiser et al., 2012; Latzman & Vaidya, 2013; Ozga-Hess et al., 2020; Settles et al., 2012) trata-se da “urgência negativa”, confluindo assim, para os achados identificados nas revisões supracitadas (Adan et al., 2017; Coskunpinar et al., 2013). Vale mencionar que, quando se trata de tabagismo, especificamente, há mais interesse no estudo do

papel dos fatores de “busca de sensações” e “falta de premeditação” no consumo do cigarro em si (Bos et al., 2019).

Conclusão

Esta revisão sistemática permitiu destacar a importância de se avaliar diferentes contextos por meio da relação existente entre a impulsividade e os traços de personalidade, em especial, utilizando-se dos modelos UPPS e dos CGF. Mesmo havendo interesse na análise dos fatores da UPPS e das dimensões dos CGF, foi possível concluir um maior enfoque dado à dimensão “neuroticismo” e ao fator “urgência negativa”. Destaca-se que, na própria dimensão citada, encontra-se também o fator “impulsividade”, avaliado pelos instrumentos baseados no modelo dos CGF (Costa & McCrae, 1992). Assim, os dados indicam que o “neuroticismo” torna-se a dimensão mais crucial a ser considerada quando se pretende avaliar impulsividade em diferentes contextos.

A presente revisão além de preencher a lacuna existente no estudo exclusivo da relação entre os modelos UPPS e dos CGF, também possibilitou reavaliar, após quase 20 anos da criação do modelo UPPS, se ainda se faz possível identificar as relações observadas pelos seus criadores entre os dois modelos citados (Cyders et al., 2007; Whiteside & Lynam, 2001) e evidenciar diferenças encontradas até então. Os resultados permitiram concluir que muitas relações ainda se repetem nos estudos atuais, mas que, se faz importante avaliar também o contexto em que se pretende pesquisar. Como lacunas deste estudo e possibilidades para pesquisas futuras, identifica-se a necessidade de se avaliar a relação existente entre o modelo UPPS e as demais teorias de personalidade citadas nos estudos que objetivam avaliar impulsividade.

Referências

- Adan, A., Forero, D. A., & Navarro, J. F. (2017). Personality traits related to binge drinking: a systematic review. *Frontiers in psychiatry*, 8, 134.
- Barker, V., Romaniuk, L., Cardinal, R. N., Pope, M., Nicol, K., & Hall, J. (2015). Impulsivity in borderline personality disorder. *Psychological medicine*, 45(9), 1955.
- Berg, J. M., Latzman, R. D., Bliwise, N. G., & Lilienfeld, S. O. (2015). Parsing the heterogeneity of impulsivity: A meta-analytic review of the behavioral implications of the UPPS for psychopathology. *Psychological assessment*, 27(4), 1129.
- Bos, J., Hayden, M. J., Lum, J. A., & Staiger, P. K. (2019). UPPS-P impulsive personality traits and adolescent cigarette smoking: A meta-analysis. *Drug and alcohol dependence*, 197, 335-343.
- Bravo, A. J., Prince, M. A., & Pearson, M. R. (2016). A multiple replication examination of distal antecedents to alcohol protective behavioral strategies. *Journal of studies on alcohol and drugs*, 77(6), 958-967.
- Chester, D. S., Lynam, D. R., Milich, R., & DeWall, C. N. (2017). Social rejection magnifies impulsive behavior among individuals with greater negative urgency: An experimental test of urgency theory. *Journal of Experimental Psychology: General*, 146(7), 962.
- Combs, J. L., Jordan, C. E., & Smith, G. T. (2014). Individual differences in personality predict externalizing versus internalizing outcomes following sexual assault. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 6(4), 375.

- Combs, J. L., Riley, E. N., Peterson, S. J., Jordan, C. E., & Smith, G. T. (2018). Pre-assault personality predicts the nature of adverse outcomes among sexual assault victims. *Journal of studies on alcohol and drugs, 79*(2), 258-268.
- Coskunpinar, A., Dir, A. L., & Cyders, M. A. (2013). Multidimensionality in impulsivity and alcohol use: A meta-analysis using the UPPS model of impulsivity. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research, 37*(9), 1441-1450.
- Costa Jr, P. T., & McCrae, R. R. (1992a). The five-factor model of personality and its relevance to personality disorders. *Journal of personality disorders, 6*(4), 343-359.
- Costa, Jr., R. T., & McCrae, R. R. (1992b). *NEO-PI-R professional manual: revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO-Five Factor Inventory (NEO-FFI)*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa Jr, P. T., & McCrae, R. R. (1995). Domains and facets: Hierarchical personality assessment using the Revised NEO Personality Inventory. *Journal of personality assessment, 64*(1), 21-50.
- Cyders, M. A., & Smith, G. T. (2008). Emotion-based dispositions to rash action: positive and negative urgency. *Psychological bulletin, 134*(6), 807.
- Cyders, M. A., Smith, G. T., Spillane, N. S., Fischer, S., Annus, A. M., & Peterson, C. (2007). Integration of impulsivity and positive mood to predict risky behavior: development and validation of a measure of positive urgency. *Psychological assessment, 19*(1), 107.
- Denny, K. G., & Siemer, M. (2012). Trait aggression is related to anger-modulated deficits in response inhibition. *Journal of Research in Personality, 46*(4), 450-454.

- Eysenck, H. J. (1952). *The Scientific Study of Personality*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Gvion, Y., & Apter, A. (2011). Aggression, impulsivity, and suicide behavior: a review of the literature. *Archives of suicide research, 15*(2), 93-112.
- Ibáñez, M. I., Sabater-Grande, G., Barreda-Tarrazona, I., Mezquita, L., López-Ovejero, S., Villa, H., ... & Georgantzís, N. (2016). Take the money and run: Psychopathic behavior in the trust game. *Frontiers in Psychology, 7*, 1866.
- Kaiser, A. J., Milich, R., Lynam, D. R., & Charnigo, R. J. (2012). Negative urgency, distress tolerance, and substance abuse among college students. *Addictive behaviors, 37*(10), 1075-1083.
- Kaufman, S. B., DeYoung, C. G., Gray, J. R., Jiménez, L., Brown, J., & Mackintosh, N. (2010). *Implicit learning as an ability. Cognition, 116*(3), 321-340.
- Keye, D., Wilhelm, O., & Oberauer, K. (2009). Structure and correlates of the German version of the Brief UPPS impulsive behavior scales. *European Journal of Psychological Assessment, 25*(3), 175.
- Kräplin, A., Bühringer, G., Oosterlaan, J., Van Den Brink, W., Goschke, T., & Goudriaan, A. E. (2014). Dimensions and disorder specificity of impulsivity in pathological gambling. *Addictive Behaviors, 39*(11), 1646-1651.
- Latzman, R. D., & Vaidya, J. G. (2013). Common and distinct associations between aggression and alcohol problems with trait disinhibition. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 35*(2), 186-196.
- Latzman, R. D., Vaidya, J. G., Malikina, M. V., Berg, J. M., & Lilienfeld, S. O. (2014). Exploring associations between psychopathic personality and components of

- Disinhibition vs. Constraint. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 36(4), 497-509.
- Mann, F. D., Engelhardt, L., Briley, D. A., Grotzinger, A. D., Patterson, M. W., Tackett, J. L., ... & Martin, N. G. (2017). Sensation seeking and impulsive traits as personality endophenotypes for antisocial behavior: Evidence from two independent samples. *Personality and individual differences*, 105, 30-39.
- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S., & Nunes, M. F. O. (2010). *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP). Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ozga-Hess, J. E., Romm, K. F., Felicione, N. J., Dino, G., Blank, M. D., & Turiano, N. A. (2020). Personality and impulsivity as predictors of tobacco use among emerging adults: A latent class analysis. *Personality and Individual Differences*, 163, 110076.
- Passos, M. F., & Laros, J. A. (2014). O modelo dos cinco grandes fatores de personalidade: Revisão de literatura. *Peritia*, 21, 13-21.
- Patton, J. H., Stanford, M.S., Barratt, E.S. (1995). Factor structure of the Barratt Impulsiveness Scale. *J Clin Psychol*. 51(6), 768-74.
- Peters, J. R., Eisenlohr-Moul, T. A., Walsh, E. C., & Derefinko, K. J. (2018). Exploring the pathophysiology of emotion-based impulsivity: The roles of the sympathetic nervous system and hostile reactivity. *Psychiatry research*, 267, 368-375.
- Pires, J. G., Nunes, C. H. S. S., & Nunes, M. F. O. (2019). Avaliação da personalidade e o modelo dos cinco grandes fatores. In Baptista, M. N., Muniz, M., Reppold, C. T., Nunes, C. H. S. S., Carvalho, L. F., Primi, R., ... Pasquali, L. (Orgs.), *Compêndio de avaliação psicológica* (pp. 494-506). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Schmitt, D. P., Allik, J., McCrae, R. R., & Benet-Martínez, V. (2007). The geographic distribution of Big Five personality traits: Patterns and profiles of human self-description across 56 nations. *Journal of cross-cultural psychology, 38*(2), 173-212.
- Settles, R. E., Fischer, S., Cyders, M. A., Combs, J. L., Gunn, R. L., & Smith, G. T. (2012). Negative urgency: A personality predictor of externalizing behavior characterized by neuroticism, low conscientiousness, and disagreeableness. *Journal of abnormal psychology, 121*(1), 160.
- Whiteside, S. P., & Lynam, D. R. (2001). The five factor model and impulsivity: Using a structural model of personality to understand impulsivity. *Personality and individual differences, 30*(4), 669-689.
- Zuckerman, M., Kuhlman, D. M., Joireman, J., Teta, P., & Kraft, M. (1993). A comparison of three structural models for personality: the big three, the big five, and the alternative five. *Journal of personality and social psychology, 65*(4), 757.

Manuscrito 3

Construção da Escala de Impulsividade (EImp) baseada no modelo UPPS-P

Construction of the Escala de Impulsividade (EImp) based on the UPPS-P model

Resumo

Os desafios atualmente enfrentados na avaliação da impulsividade evidenciam a necessidade da construção de novas medidas, principalmente quando se pretende avaliá-la no contexto de seleção. Portanto, o principal objetivo deste estudo centrou-se na construção da Escala de Impulsividade (EImp), baseando-se no modelo UPPS-P. Ressalta-se que foram cumpridas todas as etapas para o processo de construção de uma medida, iniciando pela conceituação do construto em questão, pela elaboração e posterior análise dos itens feita por três especialistas até o fechamento da versão prévia do instrumento construído. Ademais, entre a análise de juízes e a própria finalização da versão prévia da medida, foi empregada a metodologia da neutralização valorativa dos itens objetivando diminuir o viés de desejabilidade social. Os resultados indicaram que instrumento apresentou adequados índices de concordância dos juízes e que a atividade de neutralização permitiu alcançar parte do objetivo almejado. Uma importante limitação do estudo foi a impossibilidade de realizar outras rodadas da neutralização, tendo em vista que a atividade estava sendo realizada em meio à pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Escala de Impulsividade (EImp); construção de instrumento; impulsividade; neutralização valorativa.

Abstract

The challenges currently faced in the assessment of impulsivity highlights the need to build new measures, especially when it is intended to evaluate it in the context of selection.

Therefore, the main objective of this study focused on the construction of the Escala de Impulsividade (EImp), based on the UPPS-P model. It is noteworthy that all steps for the process of building a measure have been fulfilled, starting with the conceptualization of the construct in question, through the preparation and subsequent analysis of the items made by three experts until the closing of the previous version of the built instrument. In addition, between the analysis of judges and the finalization of the previous version of the measure, the evaluative neutralization of the items methodology was used in order to reduce the bias of social desirability. The results indicated that the instrument had adequate levels of agreement by the judges and that the neutralization activity made it possible to achieve part of the desired objective. An important limitation of the study was the impossibility of carrying out other rounds of neutralization, considering that the activity was being carried out in the midst of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Escala de Impulsividade (EImp); instrument construction; impulsivity; evaluative neutralization.

A avaliação psicológica no Brasil vem obtendo um significativo avanço nos últimos 15 anos; avanço este que, pode ser notado com a ampliação dos instrumentos psicológicos disponíveis no Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATEPSI (Nakano & Roama-Alves, 2019; Primi, 2010). Entretanto, mesmo havendo um crescimento importante, a área possui uma defasagem em pesquisas com o foco em “desenvolvimento, adaptação, normatização e validação de instrumentos” (Nakano & Roama-Alves, 2019). Tornando-se este, um dos desafios enfrentados pela avaliação psicológica.

Na prática, outro desafio enfrentado pelos psicólogos atuantes neste contexto, refere-se à exposição ilegal da maioria dos testes psicológicos na internet. Tal fato, favorece um treino prévio dos candidatos e uma preparação que acaba por prejudicar os resultados desta avaliação, tendo em vista que, o desempenho apresentado pelo candidato, não condiz com a realidade (Faiad & Alves, 2018; Santos, 2016; Thadeu et al., 2012; Thadeu & Ferreira, 2013).

O psicólogo que possui interesse em avaliar a impulsividade, por exemplo, enfrenta as duas problemáticas apresentadas. De acordo com a lista de testes favoráveis do SATEPSI, apenas a Escala de Avaliação da Impulsividade - EsAvI (Rueda & Ávila-Batista, 2012) possui esse propósito exclusivo (consulta realizada em dezembro de 2020). Entretanto, alguns de seus itens, já se encontram na internet. Fato este, que dificulta, por exemplo, a utilização desta medida em contexto de seleção, principalmente em concursos públicos. Tais fatos alertam para a necessidade da construção de novos instrumentos, principalmente, que avaliem o construto citado.

A construção de instrumentos de impulsividade torna-se ainda mais relevante, ao se observar o foco dado para a avaliação deste construto em diversos contextos, a saber: concursos públicos (como, por exemplo, editais da PF, 2018; PRF, 2018; CGECE, 2018); pesquisas sobre saúde mental de policiais (Sousa et al., 2018; Nogueira, et al., 2017); trânsito

(Araújo et al., 2009; Jesuíno & Rueda, 2017); cirurgia bariátrica (Machado, 2008), porte de arma de fogo (Caneda & Teodoro, 2012; Faiad et al., 2019; Rafalski & Andrade, 2015; Resende, 2019), entre outros. Ressalta-se também, o papel central da impulsividade na sintomatologia de diferentes transtornos mentais, tais como Transtorno Bipolar, Transtornos da Personalidade, Transtornos Relacionados à Substâncias, Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, entre outros (Berg et al., 2015; Few et al., 2015; Um et al., 2018).

O estudo da impulsividade, entretanto, enfrenta algumas divergências na literatura, quanto à diversidade de definições e de modelos teóricos, resultando em diferentes medidas para avaliá-la (Moeller et al., 2001; Sharma et al., 2014). Em suma, a impulsividade tem sido definida como uma tendência a se comportar de forma irrefletida, sem julgar e avaliar as possíveis consequências negativas que podem gerar para si mesmo ou para os outros (Moeller et al., 2001). Todavia, o construto também é avaliado pelo seu lado funcional, o qual refere-se à capacidade de agir e tomar decisões produtoras em um contexto que demanda agilidade (Dickman, 1990).

As diferentes medidas existentes para avaliar a impulsividade refletem a sua multiplicidade teórica, em especial, porque ora ela é incluída nas teorias da personalidade (Buss & Plomin, 1975; Eysenck, 1967; McCrae & Costa, 1990; Tellegen, 1982), ora ela é abordada de forma independente (Barratt, 1993; Dickman, 1990). Entre os instrumentos mais adaptados para diferentes culturas encontra-se a Escala UPPS-P (Cyders et al., 2014; D'orta et al., 2015; Garcia, 2018; Geurten et al., 2018; Vardejo-García et al., 2010; Zhang et al., 2020).

A Escala UPPS foi desenvolvida por Whiteside & Lynam (2001), os quais chegaram à uma estrutura fatorial comum de impulsividade, por meio da aplicação de instrumentos que avaliavam à época, este construto. Os autores também utilizaram uma medida de

personalidade (NEO-PI-R; Costa & McCrae, 1992) baseada nos Cinco Grandes Fatores de personalidade – CGF (*Big Five*) para avaliar a associação com facetas originalmente relacionadas à impulsividade, as quais compunham os domínios Extroversão, Conscienciosidade e Neuroticismo.

A Escala UPPS é composta pelos fatores “urgência” (comportar-se de forma impulsiva a fim de diminuir emoções negativas do momento), “falta de premeditação” (desconsiderar as possíveis consequências de um ato antes de agir), “falta de perseverança” (desistir na execução de atividades entediantes, difíceis ou que possuem muitos distratores) e “busca de sensação” (buscar atividades que propiciem novas experiências, sejam elas arriscadas ou não) (Whiteside & Lynam, 2001). Em seguida, o modelo UPPS foi acrescido de um novo fator: a “urgência positiva”, tendo ela, a mesma definição de “urgência”, porém referente às emoções positivas. A partir da inclusão do fator “urgência positiva”, o antigo fator “urgência” foi renomeado para “urgência negativa”. O modelo, portanto, foi denominado UPPS-P (Cyders et al., 2007).

No que se refere à relação da UPPS com o modelo dos CGF, Whiteside e Lynam (2001) identificaram as seguintes associações: fator “urgência” com a faceta “impulsividade” (neuroticismo); fator “falta de premeditação” com a faceta “baixa deliberação” (conscienciosidade); fator “falta de perseverança” com a faceta “autodisciplina” (conscienciosidade); e fator “busca de sensações” com a faceta “busca por excitação” (extroversão).

Considerando a pertinência de se construir um instrumento de impulsividade para o contexto de seleção e atrelando ao modelo UPPS-P, torna-se justificável a construção de uma nova medida para este construto. O processo foi guiado por diferentes etapas, as quais se

estruturam em dois procedimentos: 1) procedimentos teóricos e 2) procedimentos empíricos (AERA, 2014; Borsa & Seize, 2017; Pasquali, 1999).

Os procedimentos teóricos, foco deste estudo, são marcados pelas seguintes etapas: a) conceituação do construto (construção de uma definição constitutiva, a partir de uma revisão sistemática e a construção de uma definição operacional que seja passível de observação); b) elaboração dos itens (podendo utilizar-se como fonte, as categorias comportamentais e itens de outros instrumentos que avaliam o mesmo construto); c) análise dos itens (avaliação de especialistas no construto e na avaliação psicológica e, ainda, a avaliação semântica pelo público-alvo para verificar o nível de compreensão dos itens por parte deste público); d) versão prévia do instrumento que apresente evidências de validade de conteúdo. Os procedimentos empíricos contam com o estudo-piloto e a coleta de dados em si (AERA, 2014; Borsa & Seize, 2017; Carvalho & Ambiel, 2017; Pasquali, 1999).

Outro aspecto importante a ser considerado na construção de instrumentos para aplicação em contexto de seleção, como por exemplo em concursos públicos, é a existência da desejabilidade social. É esperado, que neste certame, os candidatos tentem demonstrar características valorizadas pela instituição em questão. Dessa forma, tendem a apresentar Respostas Socialmente Desejáveis (RSD), procurando causar a impressão que julgam esperadas para o contexto (Costa & Hauck-Filho, 2017). Em especial, os instrumentos de autorrelato se mostram mais suscetíveis a vieses de resposta, sendo mais fácil, o respondente conseguir identificar, no conteúdo do item, comportamentos que sejam socialmente desejáveis ou não. Levando-o, portanto, a realizar um gerenciamento de impressões e, conseqüentemente, distanciando-se da descrição fidedigna de seus comportamentos e características pessoais (Costa & Hauck-Filho, 2017; Paulhus & Vazire, 2007).

Diante desta problemática, algumas estratégias foram criadas para melhor identificar a

existência da desejabilidade social ou ainda para diminuir a interferência deste viés. A neutralização valorativa é uma possível prática a ser adotada para a diminuição ou o controle da desejabilidade social. Em termos práticos, esta estratégia consiste na reescrita de itens, com o objetivo de utilizar palavras ou expressões mais neutras, ou melhor dizendo, com menos informações que, notoriamente, seriam consideradas socialmente valorizadas ou não (Costa & Hauck-Filho, 2017).

O cuidado em adotar estratégias para diminuir o viés da desejabilidade social é comumente visto na construção de instrumentos de personalidade. Normalmente, encontra-se duas linhas de discussão para esta relação: os que consideram a desejabilidade social um fator dificultador para os testes de personalidade e os que a consideram como parte da própria personalidade. Inclusive, discute-se que, a correlação normalmente identificada entre os Cinco Grandes Fatores (CGF) de personalidade é justificada pela existência de um fator geral, o qual está diretamente relacionado à desejabilidade social (Bäckström, 2007; Bäckström et al., 2009; Bäckström & Björklund, 2014; Bäckström & Björklund, 2016).

Entretanto, uma recorrente preocupação na utilização da técnica da neutralização valorativa refere-se ao risco de não se manter a validade do construto e de critério do instrumento em questão, o que tornaria inviável a prática da neutralização (Bäckström et al., 2014). Porém, a literatura mostra que, em tentativas de aplicação desta prática, o instrumento neutralizado não prejudicou a variabilidade da resposta, nem mesmo a homogeneidade ou normalidade da medida (Bäckström et al., 2014). Além disso, a versão neutralizada apresentou correlação com a versão original e, por outro lado, menos correlação com medidas de desejabilidade social (Costa & Hauck-Filho, 2017). Demonstrando, portanto, ser uma prática interessante para medidas de autorrelato.

Diante do exposto, o objetivo geral deste estudo consiste em apresentar o processo de

construção de um instrumento psicológico de impulsividade, baseado no modelo UPPS-P (Cyders et al., 2007; Whiteside & Lynam, 2001), voltado para o contexto de seleção. De forma complementar, os objetivos específicos são: a) elaborar itens com o auxílio da literatura disponível sobre o construto, a partir dos itens dos instrumentos existentes com este mesmo objetivo; b) submeter os itens do instrumento à análise de conteúdo de juízes especialistas em áreas correlatas; e c) aplicar a metodologia da neutralização de itens, no intuito de reduzir o viés da desejabilidade social.

Método

A construção da Escala de Impulsividade (EImp) seguiu as etapas dos procedimentos teóricos esperados na construção de um instrumento psicológico, sendo elas: a) conceituação do construto; b) elaboração dos itens; c) análise dos itens; e d) versão prévia do instrumento que apresente evidências de validade de conteúdo (AERA, 2014; Borsa & Seize, 2017; Carvalho & Ambiel, 2017; Pasquali, 1999). Para diminuir o viés da desejabilidade social, empregou-se também a técnica da neutralização (Costa & Hauck Filho, 2017) após a análise de juízes.

Amostra

Os itens foram inicialmente avaliados por três juízes, os quais fizeram as suas análises quanto à clareza da escrita e quanto à adequação deles, aos seus respectivos fatores. Os três juízes eram psicólogos, sendo dois mestres e um doutor em psicologia e todos possuíam conhecimentos na área de personalidade, psicometria e avaliação psicológica.

Em seguida, a neutralização foi realizada com 50 profissionais da segurança pública. Destes, 48 eram homens e 2 eram mulheres, entre 29 e 50 anos ($M=38,76$ anos; $DP=5,7$). Todos avaliaram os itens quanto à sua desejabilidade social, ou seja, sobre o quanto os comportamentos descritos eram desejáveis ou não para o contexto laboral deles.

Instrumentos

Os juízes receberam um único instrumento, no qual tinham como tarefa analisar cada item a partir de duas perspectivas: 1) adequação do item ao fator e; 2) clareza do item. Na primeira etapa, o juiz escolhia, dentre os fatores descritos, a qual o item pertencia. Lembrando que, o instrumento trazia consigo as definições constitutivas de cada fator. Em seguida, na segunda etapa, o juiz avaliava, em uma escala de 1 a 5, cada item quanto à sua clareza (o quanto eram compreensíveis, diretos, claros e objetivos). O instrumento entregue aos juízes era composto por 73 itens, sendo eles organizados em cinco fatores: “urgência negativa” (15 itens), “urgência positiva” (15 itens), “falta de premeditação” (14 itens), “falta de persistência” (14 itens) e “busca por sensações”(15 itens).

Na etapa de neutralização, os profissionais de segurança pública receberam um instrumento diferente a cada rodada realizada. Na primeira delas, os profissionais avaliaram os 65 itens do instrumento quanto à desejabilidade dos comportamentos descritos. Este instrumento foi formatado após a avaliação dos juízes. Portanto, em uma escala de 1 a 9, eles avaliaram os itens pensando na seguinte pergunta: “no meu dia a dia de trabalho, esse comportamento/pensamento/emoção é desejável? ”. Na segunda rodada, os profissionais receberam um outro instrumento com 38 itens. A diferença na quantidade de itens de um instrumento para outro devia-se ao fato de que alguns já haviam sido neutralizados na primeira rodada, portanto, não haveria a necessidade de se aplicar novamente. Os 38 itens restantes foram os que ainda necessitavam de uma nova rodada de avaliação. Entretanto, a atividade dos profissionais era a mesma: avaliar, em uma escala de 1 a 9, os itens, quanto à sua desejabilidade.

Procedimentos

A fase inicial de construção dos itens foi realizada a partir de uma revisão de literatura, a qual se embasou, principalmente, na literatura internacional, tendo em vista que, existe apenas um instrumento brasileiro para a medida exclusiva de impulsividade, sendo os outros adaptações. Posteriormente, as definições constitutiva e operacional foram construídas com base no que havia sido pesquisado. Em seguida, os itens foram elaborados a partir da concepção teórica levantada e de outros instrumentos (nacionais e internacionais), que avaliavam este mesmo construto. Como citado anteriormente, tomou-se como base, o modelo UPPS-P (Cyders et al., 2007; Whiteside & Lynam, 2001) de impulsividade, para a construção desta medida.

Após a versão inicial do instrumento de impulsividade, os itens passaram pelo crivo de três juízes especialistas. Estes juízes receberam, via e-mail, o instrumento em questão, em conjunto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1).

A etapa da neutralização foi realizada em duas rodadas. A atividade foi realizada com 50 profissionais de segurança pública, *in loco*, na própria instituição em que trabalham. Era previsto inicialmente, a realização de quatro rodadas, em média. Todas, com o mesmo número de respondentes. Entretanto, levando em consideração que a atividade foi realizada em meio à pandemia da Covid-19 (coleta realizada em junho de 2020), a taxa de respostas de uma rodada para outra foi diminuída quase pela metade (29 participantes), em consequência do afastamento de alguns profissionais com sintomas da doença. Portanto, tendo como certo que a terceira rodada sofreria também com uma diminuição na quantidade de respondentes, optou-se por encerrar a neutralização na segunda rodada. As rodadas de neutralização foram realizadas em semanas subsequentes. Portanto, após a análise das respostas dadas na primeira rodada, alguns itens já foram considerados neutralizados e outros foram reescritos para serem submetidos à segunda rodada de avaliação.

Análise de dados

Para a análise de juízes calculou-se, além do Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), o Kappa de Fleiss, para avaliar a concordância entre os juízes quanto à clareza e compreensão dos itens. Ressalta-se que foi preferível utilizar o Kappa de Fleiss, pela quantidade de juízes ser maior que dois, como discutido por Landis e Koch (1977a).

Quanto à neutralização dos itens, calculou-se a média de cada item em cada rodada, além da média e desvio-padrão da rodada como um todo. Realizou-se também uma regressão linear simples para analisar se o polo descritivo dos itens possuía relação com a desejabilidade apontada pelos respondentes em cada item, como proposto por Costa e Hauck Filho (2017).

Resultados

Em razão deste instrumento ter sido construído para o uso em processos seletivos, os itens não serão divulgados neste estudo, preservando o sigilo demandado neste contexto. Os primeiros itens elaborados foram divididos em cinco fatores: urgência negativa, urgência positiva, falta de premeditação, falta de persistência e busca por sensações.

A “urgência negativa” é definida por comportamentos impulsivos, na tentativa de aliviar alguma emoção negativa, mesmo que, esse comportamento impulsivo possa trazer arrependimentos ou até mesmo, fazer desistir de ter um ganho maior a longo prazo. Pessoas que apresentam baixo nível em urgência negativa tendem a possuir maior controle de suas emoções, a ponto de não tomar atitudes ou agir de forma impensada. A “urgência positiva” é definida de forma similar à “urgência negativa”, entretanto, referindo-se ao humor positivo. Logo, pode ser caracterizada por comportamentos impulsivos que têm como objetivo manter ou melhorar a experiência momentânea, mesmo que isso possa decorrer em comportamentos

de risco e trazer arrependimentos posteriormente. Essa impulsividade pode ser desencadeada pela euforia, empolgação e felicidade que o momento está propiciando.

A “falta de premeditação”, por sua vez, é vista como uma dificuldade em pensar nas consequências antes de tomar a decisão ou antes de agir. Baixo nível nesse fator indica a capacidade de refletir a respeito das possíveis consequências de sua ação, antes mesmo de tomar a decisão e agir. No caso da “falta de persistência”, refere-se à dificuldade em manter o foco e apresentar constância em uma atividade que pareça difícil ou entediante; ou ainda em persistir em algo, mesmo havendo distratores que dificultem. Por fim, a “busca por sensações” está relacionada a uma abertura na busca de novas experiências que, podem ou não, ser caracterizadas como arriscadas e/ou perigosas. Essas novas experiências trazem também excitação.

Em decorrência da análise de juízes, observou-se que o Kappa de Fleiss alcançado foi de 0,677. De acordo com a interpretação proposta por Landis e Koch (1977b), trata-se de uma concordância substantiva entre os juízes, ao considerar a concordância observada. Quanto ao Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) total do instrumento, o resultado alcançado foi de 0,89. Este resultado ultrapassa o índice mínimo (0,80) que é esperado para um novo instrumento (Grant & Davis, 1998). Ressalta-se que, após a análise de juízes, optou-se por excluir oito itens por apresentarem CVC final menor que 0,70. A redação de alguns itens também foi alterada, levando em conta as sugestões dos juízes.

Quanto ao resultado da atividade de neutralização, observa-se que os dados descritivos da primeira ($M=4,76$; $DP=1,75$) e da segunda rodada ($M=4,78$; $DP= 1,64$) indicaram uma possível diminuição do conteúdo valorativo dos itens, tendo em vista que, a média se aproximou de 5 e o desvio padrão diminuiu.

Outro dado resultante desta atividade refere-se à quantidade de itens por rodada. No primeiro momento, todo o instrumento foi aplicado. Após a análise dos dados desta rodada, 23 foram considerados neutralizados por apresentarem média próxima a 5. Além disso, quatro itens não neutralizados, não foram repetidos na rodada seguinte, por serem considerados representativos de traços mais extremados do construto. Logo, concluiu-se que, caso fizessem alterações em sua redação, poderia interferir no conteúdo descritivo do item.

Na segunda rodada, portanto, foram aplicados 38 itens, tendo eles, sofrido alterações em decorrência dos primeiros resultados já analisados. Após esta segunda análise dos respondentes, observou-se que 10 itens obtiveram média mais próxima de 5, enquanto 28 itens necessitariam de rodadas subsequentes para serem novamente avaliados.

Discussão

A avaliação psicológica em contextos de seleção, tais como em concursos públicos, demandam testes que possuem preservado o sigilo dos seus itens. Este cuidado é importante para que se garanta a qualidade da avaliação realizada, tendo em vista que, o candidato responderá aos instrumentos sem ter tido a possibilidade de realizar um treino prévio. No caso da impulsividade, especificamente, tornou-se necessária a construção de um instrumento inédito, partindo da realidade de que o único teste favorável atualmente no SATEPSI, já se encontra disponível, em partes, na internet.

A EImp foi desenvolvida cumprindo, inicialmente, os procedimentos teóricos esperados para o processo de construção de uma medida (Borsa & Seize, 2017; Carvalho & Ambiel, 2017). Considerando o resultado da análise dos especialistas convidados, o instrumento apresentou adequados índices de concordância dos juízes quanto à clareza dos itens e a sua adequação aos fatores propostos.

Em seguida, no objetivo de diminuir o possível viés de desejabilidade social dos itens, observou-se que parte do planejado nesta atividade foi alcançado. A neutralização permitiu uma análise e, conseqüentemente, uma reescrita dos itens, possibilitando uma diminuição do conteúdo valorativo destes. Logo, as palavras com valência fortemente positiva ou negativa eram substituídas por outras mais neutras, atendendo as orientações propostas por Costa e Nelson Hauck (2017).

Entende-se, entretanto, que mesmo a neutralização tendo permitido identificar e diminuir o viés indesejado, outras rodadas teriam sido de suma importância para o estudo. Todavia, a situação à época na qual a atividade foi realizada, impediu que novas rodadas fossem aplicadas, tendo em vista as complicações causadas pela pandemia da Covid-19, tornando-se esta, portanto, a principal limitação deste estudo.

Por fim, como agenda de pesquisa, planeja-se um próximo estudo da EImp, para a obtenção de evidências de validade, permitindo, assim, a sua aplicação no contexto pretendido. Destaca-se a importância, sobretudo, de avaliá-lo, à luz da teoria de personalidade dos CGF (*Big Five*), considerando que, o modelo UPPS-P foi construído relacionando-se a esta teoria. Por fim, pontua-se também, a relevância de se aplicar uma medida de desejabilidade social para que se possa avaliar os possíveis efeitos do emprego da metodologia de neutralização na construção da EImp.

Referências

- American Educational Research Association, American Psychological Association, & National Council on Measurement in Education. (2014). *Standards for education and psychological testing*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Araújo, M. M., Malloy-Diniz, L. F., & Rocha, F. L. (2009). Impulsividade e acidentes de trânsito. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, *36*(2), 60-68.
- Bäckström, M. (2007). Higher-order factors in a five-factor personality inventory and its relation to social desirability. *European Journal of Psychological Assessment*, *23*(2), 63-70.
- Bäckström, M., & Björklund, F. (2014). Social Desirability in Personality Inventories. *Journal of Individual Differences*.
- Bäckström, M., & Björklund, F. (2016). Is the general factor of personality based on evaluative responding? Experimental manipulation of item-popularity in personality inventories. *Personality and Individual Differences*, *96*, 31-35.
- Bäckström, M., Björklund, F., & Larsson, M. R. (2009). Five-factor inventories have a major general factor related to social desirability which can be reduced by framing items neutrally. *Journal of Research in Personality*, *43*(3), 335-344.
- Bäckström, M., Björklund, F., & Larsson, M. R. (2014). Criterion validity is maintained when items are evaluatively neutralized: Evidence from a full-scale five-factor model inventory. *European Journal of Personality*, *28*(6), 620-633.
- Barratt, E. S. (1993). Impulsivity: Integrating cognitive, behavioural, biological and environmental data. In W. McCown and M. Shure (Orgs.), *The Impulsive Client:*

Theory, Research and Treatment. American Psychological Association, Washington, DC.

Berg, J. M., Latzman, R. D., Bliwise, N. G., & Lilienfeld, S. O. (2015). Parsing the heterogeneity of impulsivity: A meta-analytic review of the behavioral implications of the UPPS for psychopathology. *Psychological assessment*, 27(4), 1129.

Borsa, J. C. & Seize, M. M. (2017) Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: dois caminhos possíveis. In Damásio, B. F. & Borsa, J. C. (Orgs.). *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos*. (pp. 15-37) São Paulo: Vetor.

Buss, H. A., & Plomin, R. (1975). *A Temperament Theory of Personality Development*. New York: John Wiley & Sons

Caneda, C. R. G., & Teodoro, M. L. M. (2012). Contribuições da avaliação psicológica ao porte de arma: uma revisão de estudos brasileiros. *Aletheia*, (38-39).

Carvalho, L. F., & Ambiel, R. A. M. (2017) Construção de instrumentos psicológicos. In Damásio, B. F. & Borsa, J. C. (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 39-53). São Paulo: Vetor.

Conselho Federal de Psicologia. (2018). Resolução CFP nº 009/2018. Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções nº 002/2003, nº 006/2004 e nº 005/2012 e Notas Técnicas nº 01/2017 e 02/2017. Recuperado em de <http://www.crp11.org.br/upload/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-09-2018-com-anexo.pdf>

- Controladoria e Ouvidoria Geral do Estado do Ceará (2018). Edital nº 1 – CGE/CE, de 29 de novembro de 2018: Concurso público para o provimento de vagas no cargo de auditor de controle interno da Controladoria e Ouvidoria Geral do Estado do Ceará. Diário Oficial do Estado do Ceará.
- Costa, A. R. L., & Hauck Filho, N. (2017). Menos desejabilidade social é mais desejável: Neutralização de instrumentos avaliativos de personalidade. *Interação em Psicologia*, 21(3).
- Costa, Jr., R. T., & McCrae, R. R. (1992). *NEO-PI-R professional manual: revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO-Five Factor Inventory (NEO-FFI)*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Cyders, M. A., Littlefield, A. K., Coffey, S., & Karyadi, K. A. (2014). Examination of a short English version of the UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Addictive Behaviors*, 39(9), 1372–1376.
- D’Orta, Isabella & Burnay, Jonathan & Aiello, Daniella & Niolu, Cinzia & Siracusano, Alberto & Timapanaro, Lucia & Khazaal, Yasser & Billieux, Joel. (2015). Development and validation of a short Italian UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Addictive Behaviors Reports*. 1. 19-22.
- Dickman, S. J. (1990). Functional and dysfunctional impulsivity: personality and cognitive correlates. *Journal of personality and social psychology*, 58(1), 95.
- Dickman, S. J. (1990). Functional and dysfunctional impulsivity: personality and cognitive correlates. *Journal of personality and social psychology*, 58(1), 95.
- Eysenck, H. J. (1967). *The Biological Basis of Personality*. Springfield: C. C. Thomas.

- Faiad, C., & Alves, I. C. B. (2018). Contribuições do Satepsi para Avaliações Psicológicas Compulsórias. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38 (núm. esp.), 50-59.
- Faiad, C., Lobosque, E. M. G., Resende, M. A., & Costa, M. C. G. (2019) Avaliação psicológica para concessão de porte e manuseio de arma de fogo. In Pereira, D. F. G. & Lobosque, E. M. G. (Orgs.) *Desafios da avaliação psicológica na contemporaneidade*. (pp. 22-39) Minas Gerais: Conselho Regional de Psicologia Minas Gerais.
- Few, L. R., Lynam, D. R., & Miller, J. D. (2015). Impulsivity-related traits and their relation to DSM–5 section II and III personality disorders. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 6(3), 261.
- Garcia, M. S. (2018). *Adaptação da escala UPPS-P e sua aplicabilidade na população brasileira*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Geurten, M., Catale, C., Gay, P., Deplus, S., & Billieux, J. (2018). Measuring Impulsivity in Children: Adaptation and Validation of a Short Version of the UPPS-P Impulsive Behaviors Scale in Children and Investigation of its Links With ADHD. *Journal of Attention Disorders*, 108705471877583.
- Grant J. S., & Davis L.L. (1998) Selection and use of content experts for instrument development. *Res Nurs Health*; 20(3), 269-274
- Jesuino, A. D. S. A., & Rueda, F. J. M. (2017). Evidências de validade para testes de Impulsividade e Atenção no contexto do trânsito. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(2), 24-41.

- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977b). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 159-174.
- Landis, J., & Koch, G. (1977a). An Application of Hierarchical Kappa-type Statistics in the Assessment of Majority Agreement among Multiple Observers. *Biometrics*, 33(2), 363-374.
- Machado, C. E., Zilberstein, B., Cecconello, I., & Monteiro, M. (2008). Compulsão alimentar antes e após a cirurgia bariátrica. *ABCD. Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva (São Paulo)*, 21(4), 185-191.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. Jr (1990). *Personality in adulthood*. New York: Guilford.
- Moeller, F. G., Barratt, E. S., Dougherty, D. M., Schmitz, J. M., & Swann, A. C. (2001). Psychiatric aspects of impulsivity. *American journal of psychiatry*, 158(11), 1783-1793.
- Nakano, T. C. & Roama-Alves (2019) Avaliação psicológica no Brasil. In Baptista, M. N., Muniz, M., Reppold, C. T., Nunes, C. H. S. S., Carvalho, L. F., Primi, R., ... Pasquali, L. (Orgs.), *Compêndio de avaliação psicológica* (pp. 122-132). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Nogueira, G. E. G., Pereira, F. L. B., Tolentino, V. M., & Chaves, C. G. (2017). *O estresse e suas implicações no trabalho policial. Psicologia: Saúde Mental & Segurança Pública*, 1(1).
- Pasquali, L. (1999). Testes referentes a construto: Teoria e modelo de construção. In *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração* (pp. 37-71). Brasília: LabPAM.

- Paulhus, D. L., & Vazire, S. (2007). The self-report method. *Handbook of research methods in personality psychology, 1*, 224-239.
- Polícia Federal (2018). Edital nº 1 – DGP/PF, de 14 de junho de 2018: Concurso público para provimento de vagas nos cargos de delegado de Polícia Federal, perito criminal federal, agente de Polícia Federal, escrivão de Polícia Federal e papiloscopista policial federal. Diário Oficial da União.
- Polícia Rodoviária Federal (2018). Edital nº 1 – PRF – Policial Rodoviário Federal, de 27 de novembro de 2018: Concurso público para o provimento de vagas no cargo de policial rodoviário federal. Diário Oficial da União.
- Primi, Ricardo. (2010). Avaliação psicológica no Brasil: fundamentos, situação atual e direções para o futuro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26*, 25-35.
- Rafalski, J. C., & Andrade, A. L. (2015). Prática e Formação: Psicólogos na Peritagem em Porte de Arma de Fogo. *Psicologia: Ciência e Profissão, 35(2)*, 599-612.
- Resende, M. A. (2019). Desafios da avaliação psicológica para porte de arma de fogo. *Psicologia & Conexões, 2*.
- Rueda, F. J. M., & Ávila-Batista, A. C. (2012). *Escala de Avaliação da Impulsividade*. Formas A e B. (1º ed.). São Paulo, SP: Vetor.
- Santos, A. P. D. (2016). The effects of legal judgments on psychological evaluations in the Brazilian Federal Police. *Policing: A Journal of Policy and Practice, 10(2)*, 113-120.
- Sediyama Nogueira, C. Y. S., Carvalho, A. M., Gauer, G., Tavares, N., Santos, R. D. M. M., Ginani, G., ... & Malloy-Diniz, L. F. (2013). Translation and adaptation of impulsive

- behavior scale (UPPS) to the Brazilian population. *Clinical Neuropsychiatry*, 10(2), 79-86.
- Sharma, L., Markon, K. E., & Clark, L. A. (2014). Toward a theory of distinct types of “impulsive” behaviors: A meta-analysis of self-report and behavioral measures. *Psychological bulletin*, 140(2), 374.
- Sousa, H. D. S., Souza, A. A., & Samaridi, I. (2018). *O impacto da violência na saúde mental dos policiais militares*. Retrieved from <https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/handle/123456789/1357>
- Tellegen, A. (1982). *Multidimensional Personality Questionnaire*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.
- Thadeu, S. H., & Ferreira, M. C. (2013). A validade da avaliação psicológica em um processo seletivo na área de segurança pública. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 2(36).
- Thadeu, S. H., Ferreira, M. C., & Faiad, C. (2012). A avaliação psicológica em processos seletivos no contexto da segurança pública. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 229-238.
- Um, M., Hershberger, A. R., Whitt, Z. T., & Cyders, M. A. (2018). Recommendations for applying a multi-dimensional model of impulsive personality to diagnosis and treatment. *Borderline personality disorder and emotion dysregulation*, 5(1), 6.
- Verdejo-García, A., Lozano, Ó., Moya, M., Alcázar, M. Á., & Pérez-García, M. (2010). Psychometric Properties of a Spanish Version of the UPPS–P Impulsive Behavior Scale: Reliability, Validity and Association With Trait and Cognitive Impulsivity. *Journal of Personality Assessment*, 92(1), 70–77.

Zhang, Y., Qiu, X., Ren, Q., Zhou, Z., Zhou, H., Du, J., Voon, V., Zhang, C., & Liu, W. (2020). Psychometric Properties of the Chinese version of UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Frontiers in psychiatry, 11*, 185.

Manuscrito 4

Estudos de evidências de validade da Escala de Impulsividade (EImp)

Validity evidence studies of the Impulsivity Scale (EImp)

Resumo

A escassez de pesquisas que se dediquem à construção de novos instrumentos psicológicos consiste em um dos desafios da avaliação psicológica atualmente, principalmente quando se trata da avaliação de impulsividade. O presente estudo tem como objetivo obter evidências de validade da Escala de Impulsividade (EImp). Participaram do estudo de validação, 538 pessoas de uma instituição federal de segurança e defesa, com média de idade de 34,83 anos (DP=8,09) e sendo a sua maioria do sexo masculino (316). Foram aplicados a Escala de Impulsividade (EImp), Escala UPPS-P, o IGFP-5 (inventário de personalidade) e a EEM (medida de desejabilidade social). Os resultados indicaram inicialmente uma estrutura fatorial de três fatores ("urgência", "falta de conscienciosidade" e "busca por sensações"), diferente da de cinco proposta pelo modelo UPPS-P. Entretanto, a estrutura encontrada possui suporte empírico prévio baseado em estudos recentes. Os dados indicaram correlações esperadas entre a EImp e a Escala UPPS-P e o IGFP-5. Conforme o esperado, a EImp apresentou baixas correlações com a EEM, sugerindo que a atividade de neutralização valorativa tenha surtido o efeito desejado. Uma importante limitação do estudo a ser levada em conta na análise dos dados refere-se aos possíveis efeitos da pandemia da Covid-19, considerando que a coleta foi realizada neste período. A EImp se mostrou como um instrumento promissor para medida de impulsividade, configurando, assim, a segunda escala brasileira para avaliação deste construto.

Palavras-chave: Escala de Impulsividade (EImp); evidências de validade; impulsividade.

Abstract

The scarcity of research dedicated to the construction of new psychological instruments is one of the challenges of psychological assessment today, especially when it comes to assessing impulsivity. The present study aims to obtain evidence of validity of the Escala de Impulsividade (EImp). 538 people from a federal security and defense institution participated in the validation study, with a mean age of 34.83 years ($SD = 8.09$) and the majority of them were male (316). The Escala de Impulsividade (EImp), UPPS-P Scale, IGFP-5 (personality inventory) and EEM (measure of social desirability) were applied. The results initially indicated a factorial structure of three factors ("urgency", "lack of conscientiousness" and "sensation seeking"), different from the five proposed by the UPPS-P model. However, the structure found has previous empirical support based on recent studies. The data indicated expected correlations between the EImp and the UPPS-P Scale and the IGFP-5. As expected, EImp showed low correlations with EEM, suggesting that the valuation neutralization activity has had the desired effect. An important limitation of the study to be taken into account when analyzing the data refers to the possible effects of the Covid-19 pandemic, considering that the collection was carried out during this period. The EImp proved to be a promising instrument for measuring impulsivity, thus configuring the second Brazilian scale for evaluating this product.

Keywords: Escala de Impulsividade (EImp); evidence of validity; impulsivity.

Atualmente, no Brasil, a avaliação psicológica é aplicada em diversos contextos, sendo ela realizada de forma compulsória ou não. Entende-se que, em cada contexto aplicado, prevê-se uma especificidade dessa prática. Ela é realizada, por exemplo, para fins de psicodiagnóstico, no meio jurídico, para a retirada da Carteira Nacional de Habilitação (CNH), em concursos públicos, para a realização da cirurgia bariátrica e, ainda, para a permissão do porte de arma de fogo. Entretanto, geralmente, a área da avaliação psicológica, apesar de já ter avançado, significativamente, ainda enfrenta alguns desafios. Dois desses grandes desafios referem-se à escassez de grupos de pesquisa que se dediquem à construção ou adaptação de instrumentos (Nakano & Roama-Alves, 2019) e ainda à disponibilidade, de caráter ilegal, de testes psicológicos na internet (Thadeu & Ferreira, 2013).

A avaliação, em especial, da impulsividade enfrenta as problemáticas supracitadas, haja vista que, de acordo com o sítio web do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATEPSI (pesquisa realizada em dezembro de 2020), há hoje disponível, apenas um instrumento que avalie exclusivamente este construto. Entretanto, este instrumento, em específico, possui parte de seus itens publicado na internet de forma irregular. Tal disponibilização ademais de irregular coloca em risco a avaliação psicológica resultante do uso desse instrumento. A depender da demanda da avaliação pode ser do interesse do candidato se preparar para apresentar um melhor desempenho ou um desempenho desejado. Desta forma, a disponibilização na internet permite o treino prévio e pode colocar em xeque os resultados da avaliação psicológica.

Tais fatos corroboram para a necessidade de construção de uma medida inédita de impulsividade uma vez que a disponibilização de diferentes instrumentos para avaliação de um mesmo construto diminui as chances de treino prévio.

O construto impulsividade enfrenta ainda, uma problemática mais ampla: a diversidade quanto à sua concepção teórica. A falta de consenso sobre a sua definição corrobora para uma divergência sobre como definir e medir a impulsividade (Moeller et al., 2001). Todavia, geralmente, as definições convergem para um ponto comum: uma tendência a se comportar de forma irrefletida, desconsiderando as possíveis consequências advindas de suas ações (Moeller et al., 2001; Sharma et al., 2014). Sendo este, portanto, um ponto a ser considerado na definição de impulsividade no presente estudo.

Dentre as diversas medidas de autorrelato existentes, destaca-se a Escala UPPS-P (Cyders et al., 2007; Whiteside & Lynam, 2001), a qual vem sendo adaptada para diferentes países, dentre eles Portugal (Leandro, 2015), Brasil (Garcia, 2018; Sedyama et al., 2017), Coreia do Sul (Lim & Kim, 2018), Espanha e Bélgica (Candido et al., 2012), China (Zhang et al., 2020), Estados Unidos (Cyders, 2011) e Austrália (Teese et al., 2020). A UPPS foi desenvolvida inicialmente por Whiteside e Lynam (2001), os quais aplicaram os instrumentos de impulsividade existentes à época para se chegar a uma estrutura fatorial mais condizente. Os resultados, portanto, indicaram uma estrutura adequada de quatro fatores para compor o modelo proposto: “urgência”, “falta de premeditação”, “falta de perseverança” e “busca de sensação”.

O fator “urgência” refere-se a uma tendência a se comportar de forma impulsiva frente a emoções negativas. Já a “falta de premeditação”, se vê associada a atitudes irrefletidas em decorrência de uma falta de avaliação das consequências advindas de seus atos. A “falta de perseverança”, por sua vez, é definida como uma dificuldade a persistir em atividades mais entediantes ou complexas. Por fim, a “busca de sensação” é relacionada a uma tendência por buscar atividades estimulantes e/ou experiências novas (Whiteside & Lynam, 2001).

Ainda, no estudo original do modelo, avaliou-se a correlação existente entre os fatores da UPPS com as dimensões da teoria de personalidade dos Cinco Grandes Fatores (CGF). Os resultados alcançados indicaram uma relação entre o fator “urgência” e a dimensão “neuroticismo” (fator “impulsividade”); entre o fator “falta de premeditação” e a dimensão “conscienciosidade” (fator “deliberação”); entre o fator “falta de perseverança” e a dimensão “conscienciosidade” (fator “autodisciplina”); e, por fim, entre o fator “busca de sensação” e a dimensão “extroversão” (fator “busca de excitação”) (Whiteside & Lynam, 2001). Posterior à sua criação, o modelo foi acrescido de um novo fator: a “urgência positiva”, renomeando o modelo para UPPS-P (Cyders et al., 2007). Este novo fator foi definido como uma tendência a agir de forma impulsiva frente a emoções positivas.

Estudos posteriores corroboraram para os achados iniciais quanto a correlação entre a UPPS-P e a teoria de personalidade dos CGF. À título de exemplo, a “urgência negativa” foi bastante associada à dimensão “neuroticismo” (Bravo et al., 2016; Chester et al., 2017; Combs et al., 2014; Combs et al., 2018; Denny & Siemer, 2012; Kaiser et al., 2012; Ozga-Hess et al., 2020; Peters et al., 2018; Settles et al., 2012), enquanto “falta de premeditação” apresentou maiores índices de correlação com a dimensão “conscienciosidade” (Bravo et al., 2016; Keye et al., 2009; Mann et al., 2017; Ozga-Hess et al., 2020). Assim como o fator “falta de perseverança”, que também se associou à dimensão “conscienciosidade” (Bravo et al., 2016; Keye et al., 2009; Mann et al., 2017; Ozga-Hess et al., 2020).

Ainda quanto ao modelo UPPS-P, vale destacar um debate identificado sobre a adequação de sua estrutura fatorial. Mesmo com suas diversas adaptações para diferentes contextos culturais, tem recebido destaque, a discussão a respeito de um modelo de estrutura fatorial hierárquica de três fatores (Cyders & Smith, 2007; Goh et al., 2020; Lozano et al., 2018; Um et al., 2018). A proposta deste modelo traz como grandes fatores, a “urgência” (tendo como subfatores a “urgência positiva” e a “urgência negativa”), a “falta de

conscienciosidade” (abarcando os subfatores “falta de premeditação” e “falta de perseverança”) e a “busca por sensações”. Entretanto, reconhece-se a necessidade de mais estudos que confirmem a estrutura fatorial discutida.

O processo de construção de um instrumento psicológico presume o cumprimento de três tipos de procedimentos: teóricos, empíricos (experimentais) e analíticos (estatísticos). Os procedimentos teóricos abrangem o estudo da teoria sobre o construto que se pretende avaliar por meio da medida, assim como a própria construção do instrumento (desenvolvimento das definições constitutiva e operacional; construção dos itens e; análise semântica e de juízes). Os procedimentos empíricos e analíticos envolvem o processo de busca de evidências de validade da medida, processo este que, prevê a aplicação do instrumento piloto na população-alvo e as análises estatísticas dos dados obtidos (AERA, 2014; Borsa & Seize, 2017; Carvalho & Ambiel, 2017; Pasquali, 1999).

O processo de busca de evidências de validade tem como grande objetivo garantir que o instrumento construído esteja realmente avaliando o que se propõe avaliar. De acordo com APA, AERA e NCME (2014) existem diferentes tipos de fontes de evidências de validade, sendo eles: orientadas ao conteúdo, ao processo de resposta, à estrutura interna e às relações com outras variáveis. As fontes orientadas ao conteúdo dizem respeito, principalmente, à relação entre o conteúdo do teste (temas, forma da escrita dos itens, o formato dos itens, as tarefas planejadas) e o construto em si. Com relação ao processo de resposta, o que mais importa é a natureza do desempenho ou da resposta de quem está respondendo ao teste. Portanto, se avalia alguns processos cognitivos envolvidos na resposta, para que se possa obter embasamento sobre as interpretações realizadas a partir dos escores.

Ainda no que se refere às fontes de evidência de validade, entende-se que a de estrutura interna, avalia o quanto os itens estão correlacionados entre si. Por fim, existem

também as evidências baseadas nas relações com outras variáveis (externas ao teste). Neste caso, pode-se falar em evidência convergente, quando se trata da relação com outros testes que avaliam o mesmo construto (ou um similar); ou em evidência discriminante, quando se trata da relação com testes que avaliam construtos diferentes. Além disso, observa-se também, a relação entre a interpretação dos escores de um teste com critérios externos a ele. Neste caso, é interessante ter o conhecimento do quanto os escores de um teste conseguem prever os critérios externos (APA et al., 2014).

A necessidade de obtenção de estudos de evidência de validade é pontuada também pela Resolução nº 009/2018 do Conselho Federal de Psicologia, a qual, entre outros objetivos, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATEPSI. Em seu artigo 6º, é explanado que, os testes psicológicos precisam atender, dentre os requisitos mínimos obrigatórios, a apresentação de evidências empíricas de validade (CFP, 2018).

Este estudo, portanto, descreverá o processo de busca de evidências de validade da Escala de Impulsividade (EImp), a qual foi construída com base no modelo UPPS-P e destinada a ser utilizada, em especial, no contexto de seleção. Nos resultados a serem relatados, ressalta-se também, a busca de evidências do possível efeito alcançado com o emprego da neutralização valorativa, método este utilizado na construção da medida.

Método

Participantes

Participaram do estudo de validação da EImp, 538 pessoas de uma instituição federal de segurança e defesa, das quais 316 eram homens (58,73%) e 222 mulheres (41,26%). A idade dos participantes variou entre 19 e 59 anos ($M=34,83$ e $DP=8,09$). O tempo de trabalho na referida instituição variou entre 1 e 39 anos ($M=9,43$ e $DP=8,93$). Ressalta-se que, a aplicação foi realizada no período de quarentena, em decorrência da pandemia da COVID-19,

portanto, julgou-se importante questionar, se os participantes estavam em trabalho remoto. Dos 538 respondentes, 78 (14,49%) estavam trabalhando em formato remoto. No que se refere à escolaridade, 179 (33,27%) indicaram possuir especialização, 122 (22,68%) ensino superior completo, 91 (16,91%) ensino superior incompleto, 80 (14,87%) ensino médio completo, 43 (7,99%) mestrado e 23 (4,28%) doutorado.

Instrumentos

Foram aplicados quatro instrumentos e um questionário sociodemográfico, a saber: (1) a Escala de Impulsividade (EImp) (2) a Escala UPPS-P adaptada para a população brasileira (Garcia, 2018); (3) o Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (IGFP-5), adaptado para o Brasil (Andrade, 2008); (4) a Escala Egoísta-Moralista (EEM), também adaptada para o contexto brasileiro (Costa, em preparação); e (5) um questionário sociodemográfico.

A EImp (Barbosa & Faiad, 2020), construída com base no modelo UPPS-P (Cyders et al., 2007; Whiteside & Lynam, 2001), é uma escala que avalia, exclusivamente, a impulsividade. Esta escala foi também desenvolvida para ser aplicada, em especial, no contexto de seleção. Tendo isto em vista, foi empregada a metodologia da neutralização valorativa (Costa & Hauck Filho, 2017) na construção de seus itens, objetivando a redução do viés da desejabilidade social. A EImp é composta por 65 itens distribuídos em cinco fatores: “urgência negativa”, “urgência positiva”, “falta de premeditação”, “falta de persistência” e “busca por sensações”. Os itens são avaliados por meio de uma escala Likert de cinco pontos, sendo: 1 = “discordo totalmente”; 2 = “discordo parcialmente”; 3 = “não concordo nem discordo”; 4 = “concordo parcialmente”; 5 = “concordo totalmente”.

A Escala UPPS-P (Cyders et al., 2007; Whiteside & Lynam, 2001; adaptada para o Brasil por Garcia, 2018; Sedyama Nogueira et al., 2013), é composta por 59 itens e foi

construída para avaliar a impulsividade, por meio das dimensões “urgência positiva”, “urgência negativa”, “falta de premeditação”, “falta de perseverança” e “busca de sensações” apresenta uma escala do tipo Likert, de quatro pontos, onde 1 é “concordo totalmente” e 4 é “discordo totalmente”.

O Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade - IGFP-5 (John et al., 1991; adaptada por Andrade, 2008) trata-se de uma medida de personalidade, construída com base na teoria dos Cinco Grandes Fatores (*Big Five*). O IGFP-5 é composto por 44 itens a serem respondidos por meio de uma escala Likert de cinco pontos, onde 1 é “discordo totalmente” e 5 é “concordo totalmente”. O instrumento é dividido em cinco fatores, a saber: abertura ($\alpha=0,65$), neuroticismo ($\alpha=0,75$), extroversão ($\alpha=0,75$), conscienciosidade ($\alpha=0,65$) e amabilidade ($\alpha=0,69$).

Por fim, a Escala Egoísta-Moralista (EEM – Vecchione et al., 2013; adaptada por Costa e Hauck Filho, manuscrito em preparação) possui como objetivo, identificar comportamentos altamente desejáveis (desejabilidade social). A escala é composta por 14 itens a serem avaliados por meio de uma escala Likert de cinco pontos, onde 1 = “discordo totalmente” e 5 = “concordo totalmente. A EEM é dividida de forma a avaliar o viés egoísta e o viés moralista. O primeiro, traz comportamentos referentes às pessoas que se veem ou se mostram como super-heróis, como, por exemplo, comportamentos que demonstram competência (“Sempre entendo rapidamente tudo o que leio”) ou bravura (“Frente ao perigo, nunca fiquei assustado, mesmo em uma situação grave”). O viés moralista, por sua vez, descreve comportamentos de pessoas que se julgam os defensores da moral e dos bons costumes (“Nunca desobedeci às ordens, mesmo quando criança”, “Sempre obedeci às leis de trânsito, como motorista e pedestre”) (Vecchione et al., 2013).

Procedimentos

A aplicação foi realizada no formato online por meio da plataforma *SurveyMonkey*. Priorizou-se o formato online, tendo em vista a pandemia vivenciada à época da coleta de dados, o que impediu qualquer tipo de aglomeração para a coleta presencial. O tempo médio de resposta da pesquisa foi de 30 minutos.

Inicialmente foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo 2), enfocando, principalmente, a participação voluntária e anônima de quem optasse por prosseguir com a pesquisa. Em seguida, e, necessariamente nessa ordem, os participantes responderam as seguintes medidas: EImp, IGFP-5, EEM, UPPS-P e um questionário sociodemográfico.

Análise de dados

Utilizou-se, para a análise dos dados, o software estatístico R e o IBM SPSS versão 23. Objetivando encontrar a estrutura subjacente dos dados obtidos e determinar o número de fatores que melhor representassem o conjunto de itens construídos, foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória – AFE do instrumento em questão (EImp). Para isso, foram calculados o Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett. A realização desta análise proporcionou a obtenção de um dos primeiros estudos de evidências de validade da medida: a validade referente à sua estrutura interna. Em seguida, de modo a confirmar a estrutura fatorial dos instrumentos aplicados em conjunto com a EImp, também foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória -AFC (Brown, 2006).

Posteriormente, no intuito de obter evidências de validade convergente, realizaram-se análises de correlação com dois outros instrumentos aplicados: IGFP-5 e UPPS-P. Ressalta-se que, a escolha de uma medida baseada na teoria dos CGF (IGFP-5) foi motivada para analisar as possíveis associações entre os fatores da EImp e os da teoria de personalidade, replicando o que foi realizado pelos criadores do modelo UPPS-P (Whiteside & Lynam, 2001). Quanto à

escolha da Escala UPPS-P, esta se deu para a realização da análise de correlação existente entre os fatores originais com os da escala construída.

No que se refere à EEM, esta foi escolhida para que se pudesse avaliar a existência do viés de desejabilidade social. Julgou-se importante a avaliação deste viés, tendo em vista que, a EImp foi construída utilizando-se a técnica da neutralização (Costa & Hauck Filho, 2017), técnica esta que é empregada para a diminuição do referido viés.

Espera-se, com os resultados dessa pesquisa, que: hipótese 1) a EImp apresente uma estrutura fatorial de cinco fatores, semelhante ao do modelo UPPS-P; hipótese 2) a EImp obtenha evidências de validade convergente com a escala UPPS-P, apresentando correlação positiva com os fatores correspondentes; 3) os fatores da EImp associem com as seguintes dimensões do IGFP-5: fatores “urgência negativa” e “urgência positiva” associados ao “neuroticismo”, fatores “falta de premeditação” e “falta de persistência” à dimensão “conscienciosidade” e o fator “busca por sensações” à dimensão “extroversão”; e 4) a EImp apresente correlações baixas com a EEM, podendo indicar efeitos positivos da técnica de neutralização empregada.

Resultados

Inicialmente, observou-se que a matriz dos dados obtidos com a aplicação da EImp é passível de fatoração (KMO = 0,89; teste de Esfericidade de Bartlett: $\chi^2 = 12331,075$, gl = 2080, $p < 0,000$). Em seguida, realizou-se a análise paralela de Horn (Horn, 1965), para a tomada de decisão da extração da quantidade de fatores. Em uma primeira análise, sugeriu-se a retenção de seis fatores.

Decidiu-se, portanto, realizar a Análise Fatorial Exploratória (AFE), com a fixação dos seis fatores propostos pela análise paralela. O resultado (TLI = 0,73; RMSEA = 0,06, IC = 0,06 - 0,06) mostrou que os itens que saturaram nos três primeiros fatores, apresentaram

uma melhor organização conforme previsto, porém, nos três últimos, os poucos itens que saturaram acima de 0,30 não se organizaram em consonância com a teoria. Na AFE com fixação de cinco fatores (TLI = 0,71; RMSEA = 0,06, IC = 0,06 - 0,06), observou-se algo similar: uma melhor organização apenas dos itens que saturaram nos três primeiros fatores. Ao rodar a AFE fixando quatro fatores (TLI = 0,67; RMSEA = 0,06, IC = 0,06 - 0,07), apenas dois deles possuíram itens com uma melhor distribuição esperada. Em análise da AFE com fixação de três fatores (TLI = 0,64; RMSEA = 0,07, IC = 0,07 - 0,07) observou-se uma estrutura similar à proposta por alguns teóricos (Cyders & Smith, 2007; Goh et al., 2020; Lozano et al., 2018; Um et al., 2018), em que os itens se distribuem nos fatores “urgência” (junção das urgências positiva e negativa), “busca por sensações” e “falta de conscienciosidade” (junção de “falta de premeditação” com “falta de persistência”).

Ao observar a distribuição dos itens nos fatores e, considerando a teoria proposta, foi possível concluir que, a extração de três fatores resultaria em uma estrutura fatorial mais adequada. Além disso, outra decisão foi tomada: a exclusão de dezesseis itens. Destes, cinco (itens 19, 26, 51, 61 e 62) não apresentaram carga fatorial acima de 0,30 e onze (itens 1, 7, 8, 12, 16, 20, 23, 30, 47, 54 e 57) possuíam a carga fatorial similar em mais de um fator (itens mistos) e/ou enquadraram-se em um fator diferente do que era esperado. Em decorrência dessas decisões, optou-se por retirar os dezesseis itens do banco de dados, sendo necessário realizar novamente, o critério de KMO (KMO = 0,90) e o teste de Bartlett ($\chi^2 = 9513,672$, $gl = 1176$, $p < 0,000$).

Em uma nova AFE, baseada nas decisões de retirada dos dezesseis itens e de fixação de três fatores (TLI = 0,71; RMSEA = 0,07, IC = 0,07 - 0,07), observou-se uma melhor distribuição dos itens por fator. Apesar de seguir uma estrutura diferente da proposta em seu formato original (a de cinco fatores da UPPS-P), a estrutura encontra-se em consonância com

o discutido por outros autores (Cyders & Smith, 2007; Goh et al., 2020; Lozano et al., 2018; Um et al., 2018).

Dessa forma, de acordo com a Tabela 1, o primeiro fator (23 itens) agrupou itens com conteúdo referente a ações impulsivas frente a emoções negativas ou positivas, resultando, portanto, em um fator que avalia a chamada “urgência” (URG). Ressalta-se que, este fator é composto por conteúdos da “urgência negativa” e da “urgência positiva” do modelo original UPPS-P. O segundo fator (13 itens), por sua vez, fez referência a itens que expressam a chamada “busca por sensações” (BS), similar ao proposto pelo modelo UPPS-P. O terceiro e último fator (13 itens) agrupou características referentes à “falta de premeditação” e “falta de persistência”, resultando no fator chamado “falta de conscienciosidade” (FCON).

Tabela 1

Análise Fatorial Exploratória da EImp com retenção de 3 fatores

Item	URG	BS	FCON
EImp_2	0,66		
EImp_3	0,57		
EImp_6	0,69		
EImp_10	0,65		
EImp_11	0,55		
EImp_14	0,44		
EImp_15	0,74		
EImp_17	0,76		
EImp_24	0,68		
EImp_28	0,75		
EImp_31	0,59		
EImp_33	0,60		
EImp_36	0,67		
EImp_38	0,75		
EImp_41	0,66		
EImp_43	0,76		
EImp_48	0,49		
EImp_50	0,56		
EImp_52	0,57		
EImp_55	0,66		
EImp_59	0,43		
EImp_63	0,51		
EImp_64	0,58		
EImp_5		0,34	
EImp_21		0,70	
EImp_25		0,36	
EImp_27		0,68	

EImp_29	0,53	
EImp_39	0,47	
EImp_42	0,49	
EImp_44	0,81	
EImp_46	0,61	
EImp_53	0,65	
EImp_56	0,79	
EImp_58	0,53	
EImp_60	0,81	
EImp_4		0,50
EImp_9		0,38
EImp_13		0,51
EImp_18		0,58
EImp_22		0,45
EImp_32		-0,43
EImp_34		0,54
EImp_35		0,58
EImp_37		0,40
EImp_40		0,46
EImp_45		0,76
EImp_49		0,42
EImp_65		0,53

A consistência interna dos fatores propostos demonstrou-se satisfatória, tendo em vista que, o fator “urgência” apresentou $\alpha = 0,91$ e $\lambda^2 = 0,92$; o fator “busca por sensações” obteve $\alpha = 0,85$ e $\lambda^2 = 0,87$; enquanto o fator “falta de conscienciosidade” apresentou $\alpha = 0,70$ e $\lambda^2 = 0,74$.

Quanto aos demais instrumentos aplicados, observaram-se índices adequados de ajustes obtidos por meio da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) realizada: IGFP-5: $\chi^2 = 2039,286$, $gl = 517$, $RMR = 0,08$, $RMSEA = 0,07$ ($IC = 0,06 - 0,07$, $p = 0,00$); $CFI = 0,72$ e $TLI = 0,70$; Escala UPPS-P: $\chi^2 = 4166,880$, $gl = 1642$, $RMR = 0,07$, $RMSEA = 0,05$ ($IC = 0,04 - 0,05$, $p = 0,00$); $CFI = 0,83$ e $TLI = 0,83$; EEM: $\chi^2 = 295,121$, $gl = 76$, $RMR = 0,05$, $RMSEA = 0,07$ ($IC = 0,06 - 0,08$, $p = 0,00$); $CFI = 0,86$ e $TLI = 0,84$.

Por fim, objetivando obter estudos de evidências de validade convergente da EImp com os demais instrumentos aplicados (IGFP-5 e Escala UPPS-P) e buscando analisar a existência do viés de desejabilidade social (aplicação da EEM), foram avaliados os coeficientes de correlações entre os fatores dos referidos instrumentos.

Tabela 2

Correlações entre os fatores da EImp, do IGFP-5, da Escala UPPS-P e da EEM.

	URG_ EImp	BS_ EImp	FCON_ EImp	ABER_ IGFP5	NEU_ IGFP5	EXT_ IGFP5	CONS_ IGFP5	AMAB_ IGFP5	UP_ UPPSP	UN_ UPPSP	FPRE_ UPPSP	FPER_ UPPSP	BS_ UPPSP	EGO_ EEM	MOR_ EEM
URG_EImp	1	,17**	-,15**	-,04	,55**	-,06	-,41**	-,19**	,69**	,79**	,34**	,37**	,14**	-,28**	-,19**
BS_EImp	,17**	1	,16**	,32**	-,08	,31**	-,06	-,00	,25**	,11**	,25**	-,03	,76**	,25**	-,00
FCON_EImp	-,15**	,16**	1	,00	-,05	,08*	-,11**	-,05	,01	-,01	,49**	,22**	,14**	,00	-,13**
ABER_IGFP5	-,04	,32**	,00	1	-,14**	,36**	,15**	,22**	,00	-,08	-,07	-,23**	,28**	,24**	,04
NEU_IGFP5	,55**	-,08	-,05	-,14**	1	-,15**	-,33**	-,23**	,47**	,65**	,30**	,32**	-,02	-,44**	-,19**
EXT_IGFP5	-,06	,31**	,08*	,36**	-,15**	1	,20**	,28**	-,02	-,06	,11**	-,23**	,14**	,27**	,05
CONS_IGFP5	-,41**	-,06	-,11**	,15**	-,33**	,20**	1	,30**	-,37**	-,47**	-,38**	-,68**	-,16**	,39**	,25**
AMAB_IGFP5	-,19**	-,00	-,05	,22**	-,23**	,28**	,30**	1	-,29**	-,24**	-,18**	-,31**	-,06	,13**	,11*
UP_UPPSP	,69**	,25**	,01	,00	,47**	-,02	-,37**	-,29**	1	,73**	,41**	,42**	,25**	-,14**	-,11**
UN_UPPSP	,79**	,11**	-,01	-,08	,65**	-,06	-,47**	-,24**	,73**	1	,45**	,47**	,15**	-,37**	-,22**
FPRE_UPPSP	,34**	,25**	,49**	-,07	,30**	,11**	-,38**	-,18**	,41**	,45**	1	,47**	,17**	-,23**	-,23**
FPER_UPPSP	,37**	-,03	,22**	-,23**	,32**	-,23**	-,68**	-,31**	,42**	,47**	,47**	1	,02	-,40**	-,21**
BS_UPPSP	,14**	,76**	,14**	,28**	-,02	,14**	-,16**	-,06	,25**	,15**	,17**	,02	1	,17**	-,05
EGO_EEM	-,28**	,25**	,00	,24**	-,44**	,27**	,39**	,13**	-,14**	-,37**	-,23**	-,40**	,17**	1	,38**
MOR_EEM	-,19**	-,00	-,13**	,04	-,19**	,05	,25**	,11*	-,11**	-,22**	-,23**	-,21**	-,05	,38**	1

Nota: URG_EImp = Urgência da EImp; BS_EImp = Busca por sensações da EImp; FCON = Falta de conscienciosidade da EImp; ABER_IGFP5 = Abertura do IGFP-5; NEU_IGFP5 = Neuroticismo do IGFP-5; EXT_IGFP5 = Extroversão do IGFP-5; CONS_IGFP5 = Conscienciosidade do IGFP-5; AMAB_IGFP5 = Amabilidade do IGFP-5; UP_UPPSP = Urgência Positiva da Escala UPPS-P; UN_UPPSP = Urgência Negativa da Escala UPPS-P; FPRE_UPPSP = Falta de premeditação da Escala UPPS-P; FPER_UPPSP = Falta de perseverança da Escala UPPS-P; BS_UPPSP = Busca por sensação da Escala UPPS-P; EGO_EEM = Egoísta da EEM; MOR_EEM = Moralista da EEM.
*p < 0,05. ** p < 0,01.

Conforme evidencia a Tabela 2, o fator “urgência” da EImp apresentou correlação positiva com os fatores “urgência positiva” ($r = 0,69, p < 0,01$) e “urgência negativa” ($r = 0,79, p < 0,01$) da Escala UPPS-P. Da mesma forma, o fator “busca por sensações” da EImp, também se correlacionou positivamente com “busca de sensação” da Escala UPPS-P ($r = 0,76, p < 0,01$). Outrossim, o fator “falta de conscienciosidade” da EImp, também se relacionou de forma positiva com os fatores “falta de premeditação” ($r = 0,49, p < 0,01$) e “falta de perseverança” ($r = 0,22, p < 0,01$) da Escala UPPS-P.

A Tabela 2 também apresenta a correlação positiva entre o fator “urgência” da EImp com a dimensão “neuroticismo” do IGFP-5 ($r = 0,55, p < 0,01$), semelhantemente à “busca por sensações” da EImp que, também se relaciona de forma positiva com “extroversão” do IGFP-5 ($r = 0,31, p < 0,01$). Ao contrário do fator “falta de conscienciosidade” da EImp, que está negativamente relacionado à dimensão “conscienciosidade” do IGFP-5 ($r = -0,11, p < 0,01$).

Ainda no que diz respeito às correlações entre os instrumentos aplicados, observa-se que, o instrumento EImp apresentou menores coeficientes absolutos de correlação (variando entre 0,001 à 0,287) com a escala de desejabilidade social EEM. As outras medidas apresentaram intervalos maiores, porém, similares: IGFP-5 (0,042 a 0,443) e Escala UPPS-P (0,051 a 0,406).

Discussão

A estrutura fatorial da Escala de Impulsividade (EImp) que se apresentou mais adequada neste estudo diferiu-se da estrutura esperada do modelo original UPPS-P (Cyders et al., 2007; Whiteside & Lynam, 2001). Apesar da mudança obtida de cinco para três fatores, nota-se que, a estrutura proposta possui suporte empírico prévio (Cyders & Smith, 2007; Goh et al., 2020; Lozano et al., 2018; Um et al., 2018). Esse dado contribui com uma agenda de

pesquisa apontada por tais autores, considerando a importância de se repensar em uma nova estrutura de três fatores.

Ou seja, hoje se discute análises que apoiam o modelo de estrutura fatorial hierárquica de três grandes fatores para o modelo UPPS-P, sendo eles: “urgência” (englobando dois subfatores - “urgência positiva” e “urgência negativa”); “busca por sensações” e; “falta de conscienciosidade” (abarcando dois subfatores - “falta de perseverança” e “falta de premeditação”) (Cyders & Smith, 2007; Goh et al., 2020; Lozano et al., 2018; Um et al., 2018).

O fator “urgência” é definido como ações irrefletidas baseadas no humor, sendo ele, negativo ou positivo. A “busca por sensações”, por sua vez, permanece descrevendo comportamentos de busca de atividades estimulantes e de novas experiências. Por último, quanto ao fator “falta de conscienciosidade”, estima-se que, seja ele um fator que explique a relação existente entre os subfatores que o compõe. Melhor dizendo, o indivíduo que apresenta dificuldades em pensar nas possíveis consequências de seus atos (“falta de premeditação”), provavelmente também terá uma menor capacidade de perceber a importância de persistir e finalizar tarefas importantes, podendo elas ser complexas e entediantes (“falta de perseverança”) (Cyders & Smith, 2007; Goh et al., 2020; Lozano et al., 2018; Um et al., 2018).

Portanto, baseando-se no suporte empírico apresentado, justifica-se a estrutura fatorial de três fatores encontrados neste estudo, evidenciando a validade de estrutura interna da medida construída. Inclusive, corroborando a robustez deste achado, observam-se as correlações significativas e positivas entre os fatores da EImp e da escala UPPS-P. Por exemplo, de acordo com a Tabela 2, o fator “urgência” da EImp correlacionou-se positivamente com os fatores “urgência positiva” ($r = 0,69$) e “urgência negativa” ($r = 0,79$)

da UPPS-P. Assim como a relação apresentada entre o fator “falta de conscienciosidade” da EImp e os fatores “falta de premeditação” ($r = 0,49$) e “falta de perseverança” ($r = 0,22$) da UPPS-P.

Outra importante evidência de validade obtida refere-se à relação identificada entre os fatores da EImp e as dimensões específicas do IGFP5. Isto porque, o estudo que deu origem ao modelo UPPS (Whiteside & Lynam, 2001), identificou correlações entre os fatores deste modelo com algumas dimensões específicas da teoria de personalidade dos CGF. Estas mesmas correlações também foram encontradas no presente estudo, haja vista que, o fator “urgência” da EImp apresentou correlação positiva ($r = 0,55$) com a dimensão “neuroticismo” do IGFP5, assim como “busca por sensações”, também se relacionou positivamente ($r = 0,31$) com a dimensão “extroversão”. Por último, “falta de conscienciosidade” apresentou correlação negativa ($r = -0,11$) com a dimensão “conscienciosidade”.

Ademais, outro achado deste estudo foi evidenciado pela baixa correlação entre os fatores da EImp e os fatores da EEM, em comparação com os outros instrumentos aplicados. Isto indica que a neutralização valorativa realizada nos itens da EImp surtiu positivos efeitos nos resultados, tendo em vista que, os outros instrumentos não utilizaram desta prática em sua construção. Portanto, além de demonstrar a eficácia deste método (Costa & Hauck Filho, 2017), também foi possível obter uma diminuição no viés da desejabilidade social; viés este que, pode fragilizar uma avaliação no contexto de seleção e que se evidencia como uma importante qualificação da medida proposta.

Conclui-se, portanto, que, o instrumento construído EImp apresentou evidências de validade esperadas para sua aplicação. Entretanto, identificam-se algumas limitações deste trabalho, que podem ser sanadas em estudos futuros. A principal delas refere-se ao contexto no qual a coleta de dados foi realizada: em meio à pandemia da Covid-19. Já é consensual o

efeito da pandemia à saúde mental das pessoas (Holmes et al., 2020; Kontoangelos et al., 2020), não só advindos do isolamento social, como também do acúmulo de tarefas sofrido neste período, entre outras problemáticas envolvidas. Dito isso, presume-se que, o comportamento dos respondentes, refletido em suas respostas, pode ter sido influenciado pelo contexto à época. Contudo, tal discussão foge ao escopo da presente pesquisa, podendo ser objeto de futuras pesquisas.

Como agenda de pesquisa, pretende-se realizar novas aplicações da medida construída em diferentes amostras. Com isso, possibilitará a confirmação da estrutura fatorial encontrada neste estudo e discutida por autores já citados (Cyders & Smith, 2007; Goh et al., 2020; Lozano et al., 2018; Um et al., 2018) e, em futuros investimentos, uma análise de equivalência na estrutura do instrumento aplicado no contexto da pandemia e em futuras aplicações no contexto de seleção. Contudo, a EImp já se mostra como um instrumento promissor para a medida de impulsividade.

Referências

- American Educational Research Association, American Psychological Association, & National Council on Measurement in Education. (2014). *Standards for education and psychological testing*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Andrade, J. M. D. (2008). Evidências de validade do inventário dos cinco grandes fatores de personalidade para o Brasil. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Bäckström, M., Björklund, F., & Larsson, M. R. (2014). Criterion validity is maintained when items are evaluatively neutralized: Evidence from a full-scale five-factor model inventory. *European Journal of Personality*, 28(6), 620-633.
- Barbosa, L. L. P. & Faiad, C. (2020). Utilização do método da neutralização de itens na construção de um instrumento de impulsividade. In: *Jornada Online do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica*. IBAP.
- Borsa, J. C. & Seize, M. M. (2017) Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: dois caminhos possíveis. In Damásio, B. F. & Borsa, J. C. (Orgs.). *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos*. (pp. 15-37) São Paulo: Vetor.
- Bravo, A. J., Prince, M. A., & Pearson, M. R. (2016). A multiple replication examination of distal antecedents to alcohol protective behavioral strategies. *Journal of studies on alcohol and drugs*, 77(6), 958-967.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.

- Cándido, A., Orduña, E., Perales, J. C., Verdejo-García, A., & Billieux, J. (2012). Validation of a short Spanish version of the UPPS-P impulsive behaviour scale. *Trastornos adictivos, 14*(3), 73-78.
- Carvalho, L. F., & Ambiel, R. A. M. (2017) Construção de instrumentos psicológicos. In Damásio, B. F. & Borsa, J. C. (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 39-53). São Paulo: Vetor.
- Chester, D. S., Lynam, D. R., Milich, R., & DeWall, C. N. (2017). Social rejection magnifies impulsive behavior among individuals with greater negative urgency: An experimental test of urgency theory. *Journal of Experimental Psychology: General, 146*(7), 962.
- Combs, J. L., Jordan, C. E., & Smith, G. T. (2014). Individual differences in personality predict externalizing versus internalizing outcomes following sexual assault. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy, 6*(4), 375.
- Combs, J. L., Riley, E. N., Peterson, S. J., Jordan, C. E., & Smith, G. T. (2018). Pre-assault personality predicts the nature of adverse outcomes among sexual assault victims. *Journal of studies on alcohol and drugs, 79*(2), 258-268.
- Costa, A. R. L., & Hauck Filho, N. (2017). Menos desejabilidade social é mais desejável: Neutralização de instrumentos avaliativos de personalidade. *Interação em Psicologia, 21*(3).
- Costa, A. R. L., & Hauck Filho, N. Testing the factor structure of the Brazilian version of the Egotistic and Moralistic Scale. *Manuscript under preparation*.
- Cyders, M. A. (2011). Impulsivity and the Sexes. *Assessment, 20*(1), 86–97.

- Cyders, M. A., & Smith, G. T. (2007). Mood-based rash action and its components: Positive and negative urgency. *Personality and individual differences, 43*(4), 839-850.
- Cyders, M. A., Smith, G. T., Spillane, N. S., Fischer, S., Annus, A. M., & Peterson, C. (2007). Integration of impulsivity and positive mood to predict risky behavior: development and validation of a measure of positive urgency. *Psychological assessment, 19*(1), 107.
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment, 11*, 213-228.
- Denny, K. G., & Siemer, M. (2012). Trait aggression is related to anger-modulated deficits in response inhibition. *Journal of Research in Personality, 46*(4), 450-454.
- Garcia, M. S. (2018). *Adaptação da escala UPPS-P e sua aplicabilidade na população brasileira*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Goh, P. K., Lee, C. A., Martel, M. M., Fillmore, M. T., Derefinko, K. J., & Lynam, D. R. (2020). Conceptualizing the UPPS-P model of impulsive personality through network analysis: Key dimensions and general robustness across young adulthood. *Journal of Personality, 88*(6), 1302-1314.
- Holmes, E. A., O'Connor, R. C., Perry, V. H., Tracey, I., Wessely, S., Arseneault, L., ... & Ford, T. (2020). Multidisciplinary research priorities for the COVID-19 pandemic: a call for action for mental health science. *The Lancet Psychiatry*.
- Horn, J. (1965). A rationale and test for the number of factors in factor analysis. *Psychometrika, 30*, 179-185. doi: 10.1007/BF02289447

- John, O. P., Donahue, E. M., & Kentle, R. L. (1991). Big five inventory. *Journal of Personality and Social Psychology*.
- Kaiser, A. J., Milich, R., Lynam, D. R., & Charnigo, R. J. (2012). Negative urgency, distress tolerance, and substance abuse among college students. *Addictive behaviors*, 37(10), 1075-1083.
- Keye, D., Wilhelm, O., & Oberauer, K. (2009). Structure and correlates of the German version of the Brief UPPS impulsive behavior scales. *European Journal of Psychological Assessment*, 25(3), 175.
- Kontoangelos, K., Economou, M., & Papageorgiou, C. (2020). Mental health effects of COVID-19 pandemia: a review of clinical and psychological traits. *Psychiatry investigation*, 17(6), 491.
- Leandro, A. J. (2015). *Análise das características psicométricas da Escala de Impulsividade UPPS-P na população portuguesa mediante o Modelo de Rasch* (Tese de Mestrado). Universidade Lusófona, Lisboa.
- Lim, S. Y., & Kim, S. J. (2018). Validation of a short Korean version of the UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Asia-Pacific Psychiatry*, 10(3), e12318.
- Lozano, Ó. M., Díaz-Batanero, C., Rojas, A. J., Pilatti, A., & Fernández-Calderón, F. (2018). Concordance between the original and short version of the Impulsive Behaviour Scale UPPS-P using an IRT model. *PloS one*, 13(3), e0194390.
- Mann, F. D., Engelhardt, L., Briley, D. A., Grotzinger, A. D., Patterson, M. W., Tackett, J. L., ... & Martin, N. G. (2017). Sensation seeking and impulsive traits as personality endophenotypes for antisocial behavior: Evidence from two independent samples. *Personality and individual differences*, 105, 30-39.

- Moeller, F. G., Barratt, E. S., Dougherty, D. M., Schmitz, J. M., & Swann, A. C. (2001). Psychiatric aspects of impulsivity. *American journal of psychiatry*, *158*(11), 1783-1793.
- Nakano, T. C. & Roama-Alves (2019) Avaliação psicológica no Brasil. In Baptista, M. N., Muniz, M., Reppold, C. T., Nunes, C. H. S. S., Carvalho, L. F., Primi, R., ... Pasquali, L. (Orgs.), *Compêndio de avaliação psicológica* (pp. 122-132). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ozga-Hess, J. E., Romm, K. F., Felicione, N. J., Dino, G., Blank, M. D., & Turiano, N. A. (2020). Personality and impulsivity as predictors of tobacco use among emerging adults: A latent class analysis. *Personality and Individual Differences*, *163*, 110076.
- Peters, J. R., Eisenlohr-Moul, T. A., Walsh, E. C., & Derefinko, K. J. (2018). Exploring the pathophysiology of emotion-based impulsivity: The roles of the sympathetic nervous system and hostile reactivity. *Psychiatry research*, *267*, 368-375.
- Resolução N° 009, de 25 de abril de 2018*. Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções n° 002/2003, n° 006/2004 e n° 005/2012 e Notas Técnicas n° 01/2017 e 02/2017. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia. Recuperado de <http://www.crp11.org.br/upload/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-09-2018-com-anexo.pdf>
- Sediyama Nogueira, C. Y. S., Carvalho, A. M., Gauer, G., Tavares, N., Santos, R. D. M. M., Ginani, G., ... & Malloy-Diniz, L. F. (2013). Translation and adaptation of impulsive behavior scale (UPPS) to the Brazilian population. *Clinical Neuropsychiatry*, *10*(2), 79-86.

- Sediyama, C. Y., Moura, R., Garcia, M. S., da Silva, A. G., Soraggi, C., Neves, F. S., ... & Malloy-Diniz, L. F. (2017). Factor analysis of the Brazilian version of UPPS impulsive behavior scale. *Frontiers in psychology, 8*, 622.
- Settles, R. E., Fischer, S., Cyders, M. A., Combs, J. L., Gunn, R. L., & Smith, G. T. (2012). Negative urgency: A personality predictor of externalizing behavior characterized by neuroticism, low conscientiousness, and disagreeableness. *Journal of abnormal psychology, 121*(1), 160.
- Teese, R., Willie, C., Jago, A., & Gill, P. R. (2020). An Investigation of Alternative Factor Models of Impulsivity using the UPPS-P. *Journal of Personality Assessment, 1*-8.
- Thadeu, S. H., & Ferreira, M. C. (2013). A validade da avaliação psicológica em um processo seletivo na área de segurança pública. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica, 2*(36).
- Um, M., Hershberger, A. R., Whitt, Z. T., & Cyders, M. A. (2018). Recommendations for applying a multi-dimensional model of impulsive personality to diagnosis and treatment. *Borderline personality disorder and emotion dysregulation, 5*(1), 6.
- Vecchione, M., Alessandri, G., & Barbaranelli, C. (2013). Measurement and application of egoistic and moralistic self-enhancement. *International Journal of Selection and Assessment, 21*(2), 170-182.
- Whiteside, S. P., & Lynam, D. R. (2001). The five factor model and impulsivity: Using a structural model of personality to understand impulsivity. *Personality and individual differences, 30*(4), 669-689.

Zhang, Y., Qiu, X., Ren, Q., Zhou, Z., Zhou, H., Du, J., Voon, V., Zhang, C., & Liu, W. (2020). Psychometric Properties of the Chinese version of UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Frontiers in psychiatry*, 11, 185.

Considerações Finais

A evidência de desafios enfrentados pela área da avaliação psicológica, em especial, quando se pretende avaliar a impulsividade, deixou clara a necessidade de se construir novas medidas para este fim. Mesmo havendo a possibilidade de adaptação de instrumentos hoje disponíveis, esta tornou-se uma opção inviável, tendo em vista que, o contexto de aplicação almejado, se referia a processos seletivos. Portanto, com a construção da Escala de Impulsividade (EImp), segunda medida brasileira de impulsividade, foi possível sanar ou, ao menos, atenuar a problemática enfrentada por psicólogos que pretendem avaliar impulsividade no contexto supracitado.

A própria EImp, além de apresentar robustez quanto às características psicométricas alcançadas e às evidências de validade obtidas, provou também a relevância da aplicação de métodos que minimizem o viés da desejabilidade social. Pois, apesar da importância de se diminuir este viés no contexto de seleção, sabe-se que, independente do contexto, este é visto como um viés subjacente aos questionários de autorrelato, em geral.

Entretanto, como já discutido anteriormente, o estudo contou com algumas limitações a serem levadas em conta: 1) estrutura fatorial diferente da defendida pelo modelo UPPS-P original, apesar de haver, na literatura, autores que defendem a estrutura obtida; e 2) possíveis interferências advindas dos efeitos causados pela pandemia da Covid-19, tendo em vista que, a coleta dos dados foi realizada neste período.

Como agenda de pesquisa, planeja-se um novo estudo de evidências de validade, porém, desta vez, de validade de critério, haja vista que é bastante difundido o papel central da impulsividade na sintomatologia de transtornos mentais e/ou nos comportamentos de risco.

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os juízes

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Lara Letícia Pinto Barbosa

Telefone para contato: (61) 98199-7695

Sua colaboração é importante e necessária para o desenvolvimento da pesquisa, porém sua participação é voluntária.

- Essa pesquisa faz parte de um projeto de mestrado, cujo objetivo é construir um instrumento que busca avaliar a impulsividade no contexto de seleção e apresentar evidências iniciais de validade e fidedignidade do mesmo, e será realizada por meio da aplicação de um instrumento/questionário;
- Será garantido o anonimato e o sigilo das informações, além da utilização dos resultados exclusivamente para fins científicos;
- Você não será identificado na pesquisa, pois os dados serão tratados de forma global;
- Você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa em qualquer momento com o pesquisador responsável;
- Sua participação não é obrigatória, podendo retirar-se do estudo ou não permitir a utilização dos dados em qualquer momento da pesquisa.

Eu, _____ afirmo que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre a finalidade e objetivos da mesma, bem como sobre a utilização das informações exclusivamente para fins científicos. Meu nome não será divulgado de forma nenhuma e terei a opção de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Brasília, xx de xxxx de 2020.

Lara Letícia Pinto Barbosa
Pesquisadora

Cristiane Faiad
Orientadora

Anexo 2

*Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes***Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar voluntariamente desta pesquisa que possui como objetivo obter evidências de validade para um instrumento que avalia características de personalidade.

Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas. Dê preferência para a primeira resposta que vier em sua cabeça. Leia cada questão com cuidado, e responda escolhendo a opção que melhor corresponde à sua forma de ser e de se comportar.

O preenchimento do questionário demora cerca de 20 minutos e você poderá desistir em qualquer momento, sem que isso acarrete quaisquer consequências. Sua participação é voluntária. Garantimos o sigilo e confidencialidade de todos os dados, bem como o anonimato da resposta dos participantes. Os dados serão utilizados, unicamente, para a produção de relatórios científicos, que serão analisados de forma agrupada, sem possibilidade de identificação de respostas individuais.

Essa é uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Avaliação e Medidas (LabPAM) da Universidade de Brasília sob a orientação da professora Cristiane Faiad.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor envie um e-mail para lalalpbarbosa@gmail.com